UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MANOELLA FIOCHI MARQUES

Escala de Identidade Acadêmica e Atlética (AAIS-Br): adaptação e evidências de validade para a população universitária brasileira

RIBEIRÃO PRETO - SP

2019

MANOELLA FIOCHI MARQUES

Escala de Identidade Acadêmica e Atlética (AAIS-Br): adaptação e evidências de validade para a população universitária brasileira

Versão Original

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP), como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia em Saúde e Desenvolvimento

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lucy Leal Melo-Silva

RIBEIRÃO PRETO - SP

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Fiochi-Marques, Manoella

Escala de identidade acadêmica e atlética (AAIS-Br):
adaptação e evidências de validade para a população
universitária brasileira. Ribeirão Preto, 2019.

115 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração:
Psicologia.

Orientadora: Melo-Silva, Lucy Leal.

1. Psicometria. 2. Estudante universitário. 3. Esporte
universitário. 4. Identidade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Manoella Fiochi Marques

Título: Escala de identidade acadêmica e atlética (AAIS-Br): adaptação e evidências de validade para a população universitária brasileira.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Continuar os estudos após a graduação sempre foi uma vontade minha, em meio aos diversos desafios inerentes às transições de vida e carreira. Concluir essa etapa e trajetória de mestrado representa mais do que um novo título, é o símbolo de uma construção e desenvolvimento de novos repertórios, que agora constituem minha identidade.

Para tanto, é indiscutível o meu agradecimento à rede de apoio mais constante e significativa que possuo: minha família. Com destaque aos meus pais, Regina Helena Fiochi e Nestor Roberto Marques, que fazem de tudo para que eu realize meus sonhos, desde que me conheço por gente. Muito obrigada por proporcionarem suporte, carinho, alguns puxões de orelha e também colo em todos os momentos. Vocês são a minha vida!

Agradeço aos demais familiares próximos, com os quais sei que posso contar, amigos presentes (mesmo que não fisicamente), em especial Paula e Milena, amigas de infância e que tive a honra de dividir moradia durante a pós-graduação. Já sinto saudades! À querida Tassiani, amiga que a graduação me concedeu e que tenho o orgulho de continuar próxima. Ao meu namorado, Tales, quem (re)conheci durante meu percurso de mestrado e sou grata pelos incentivos e apoio até aqui!

Agradeço imensamente à Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, não apenas por ter sido uma orientadora impecável, presente e disponível mesmo com a agenda mais concorrida que já conheci, mas também por ter topado o desafio de incorporar, uma vez mais, o contexto esportivo em sua linha de pesquisa. Obrigada pelo seu acolhimento, atenção, profissionalismo, suporte e dedicação durante todo esse tempo, nas orientações e ensinamentos. A cada momento compartilhado minha admiração só aumentou, desde a facilidade com que integra e desempenha seus papéis de vida à sabedoria e crítica com que questiona paradigmas.

Não poderia deixar de citar e agradecer à Profa. Dra. Marina Cardoso de Oliveira, quem me apresentou ao grupo de pesquisa da Lucy e me fez acreditar em meu potencial. Esse caminho só existe hoje devido a sua iniciativa! Obrigada de coração por isso, e por muitas outras inspirações de vida. Agradeço também, indiscutivelmente, ao Prof. Dr. José Egídio Barbosa de Oliveira, por proporcionar conhecimentos em estatística muito acima de minhas expectativas, além de compartilhar sua *expertise* em Psicologia com maestria. Obrigada pela paciência, pelo bom humor característico de Portugal, e por não medir esforços para meu aprendizado e desenvolvimento. A conclusão deste trabalho não seria possível sem suas preciosas contribuições!

Aos colegas de laboratório, em especial à Isabela, quem encarou lado a lado as angústias e alegrias a cada apresentação realizada e disciplina concluída. Dividir o peso dos novos desafios com você foi essencial, e ainda me presenteou com sua amizade. Agradeço também à Profa. Dra. Luciana Ângelo e Prof. Dr. Marco Teixeira pelas importantes contribuições e sugestões no Exame de Qualificação.

A todos que me apoiaram até aqui, mesmo que indiretamente. Cada um de vocês contribuiu para a conclusão dessa etapa tão significativa e importante de minha vida. Avante!

RESUMO

Fiochi-Marques, M. (2019). *Escala de Identidade Acadêmica e Atlética (AAIS-Br): Adaptação e evidências de validade para a população universitária brasileira*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

A identidade de estudantes universitários que praticam esportes tende a ser formada e sustentada em dois contextos sociais dominantes: acadêmico e atlético. O conceito de identidade acadêmica pode ser entendido como o grau de identificação do estudante com o seu papel acadêmico, enquanto a identidade atlética compreende o modo que o indivíduo se relaciona com o seu papel de vida relativo ao esporte. Estudos têm sido realizados no âmbito internacional, no intuito de explorar o modo como essa população lida com as duas identidades, muitas vezes concorrentes. Para contribuir com a produção do conhecimento, no domínio do construto identidade em universitários praticantes de esportes, este estudo objetivou adaptar e apresentar evidências de validade da *Academic and Athletic Identity Scale* (AAIS) para o contexto brasileiro. Para tanto, foi realizado o estudo de adaptação e verificação das evidências de validade fatorial, convergente, discriminante e de critério da AAIS no contexto universitário brasileiro. A amostra foi composta de 303 estudantes de nível superior brasileiro (66,3% de instituições públicas) praticantes de esportes (63% por lazer) de ambos os sexos (52,5% do sexo feminino) e idade média de 23,33 anos (DP=4,605). Os participantes responderam virtualmente a um questionário sociodemográfico e a três escalas: (a) “Escala de Identidade Acadêmica e Atlética” (AAIS-Br); (b) “Escala de Identidade Profissional” (EIP-Br); e (c) “Escala *Flourishing*” (EF). A análise fatorial confirmatória evidenciou que a versão brasileira da AAIS reproduziu integralmente a estrutura original do instrumento, composta por 11 itens e dois fatores. As dimensões de identidade acadêmica e atlética foram testadas em relação à identidade profissional e ao nível de autopercepção desenvolvimental, aqui descrito como *flourishing*, para fins de evidência de validade convergente e discriminante da AAIS. Ainda, uma MANOVA foi realizada para fins de validade de critério da AAIS, entre as dimensões principais desta escala e a intencionalidade da prática esportiva: por lazer ou para o alto rendimento. A partir dos resultados obtidos, concluiu-se que o instrumento apresentou propriedades psicométricas que recomendam seu uso em investigações futuras destinadas a avaliar o grau da identificação com os papéis acadêmico e atlético em estudantes universitários brasileiros que praticam esportes. Além disso, as análises indicaram pistas de que a maneira com que os estudantes universitários brasileiros praticantes de esportes lidam com as duas identidades tem semelhanças com modelos distintos de esporte, tanto de cunho competitivo, como nos Estados Unidos, quanto esporte-participação, de herança mais europeia. Por fim, a ausência de um modelo nacional do esporte universitário foi discutida, bem como limitações do estudo e a necessidade de novas investigações foram apontadas.

Palavras-chave: psicometria, identidade, estudante universitário, esporte universitário.

ABSTRACT

Fiochi-Marques, M. (2019). *Academic and Athletic Identity Scale (AAIS-Br): Adaptation and evidence of validity to Brazilian college population*. (Master). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

The identity of college students who practice sports tends to be formed and sustained in two dominant social contexts: academic and athletic. The concept of academic identity can be understood as the student's degree of identification with his or her academic role, while athletic identity understands how the individual relates to his or her life-related sport role. Studies have been conducted internationally to explore how this specific population deals with the two identities, often competing. In order to contribute to the production of knowledge, in the domain of the identity construct in college students who practice sports, this study aimed to adapt and present evidence of validity of the Academic and Athletic Identity Scale (AAIS) for the Brazilian context. Therefore, the study of adaptation and verification of the factorial, convergent, discriminant and AAIS criteria in the Brazilian university context was carried out. The sample consisted of 303 Brazilian college students (66.3% of public institutions) practicing sports (63% for leisure) of both sexes (52.5% female) and average age of 23.33 years ($SD = 4.605$). The participants answered virtually to a sociodemographic questionnaire and three scales: (a) "Academic and Athletic Identity Scale" (AAIS-Br); (b) "Professional Identity Scale" (EIP-Br); and (c) "Flourishing Scale" (EF). The confirmatory factorial analysis showed that the Brazilian version of the AAIS reproduced the original structure of the instrument, composed of 11 items and two factors. The dimensions of academic and athletic identity were tested in relation to professional identity and the level of developmental self-perception, here described as flourishing, for the purpose of evidence of convergent and discriminant validity of AAIS. Also, a MANOVA was performed for purposes of AAIS criterion validity, between the main dimensions of this scale and the intentionality of the sports practice: for leisure or for competition. From the obtained results, it was concluded that the instrument presented psychometric properties that recommend its use in future investigations to evaluate the degree of identification with the academic and athletic roles of Brazilian college students who play sports. In addition, the analyzes indicated that the way that Brazilian college students who practices sports deal with the two identities has similarities to distinct models of sports, both competitive in the United States, as sports-participation, inheritance more European. Finally, the absence of a national model of university sports was discussed, as well as limitations of the study and the need for further investigations were pointed out.

Key-words: psychometrics, identity, university student, college sports.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Panorama histórico-político do esporte brasileiro.....	24
Tabela 2 – Dados da pesquisa de revisão de literatura.....	40
Tabela 3 – Informações sociodemográficas dos participantes.....	58
Tabela 4 – Reformulação dos itens da AAIS-Br.....	69
Tabela 5 – Estatísticas descritivas do estudo.....	73
Tabela 6 – Teste Shapiro-Wilk.....	73
Tabela 7 – Correlações de Pearson.....	74
Tabela 8 – Estatísticas descritivas dos grupos.....	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema organizacional do esporte universitário brasileiro.....	28
Figura 2 – Categorias de análise da identidade social propostas por Dubar (2005)...	32
Figura 3 – Resultado da estratégia de busca dos artigos.....	41
Figura 4 – Variáveis da pesquisa.....	56
Figura 5 – Modelo final AFC da AAIS-Br.....	71
Figura 6 – Médias e desvios-padrão para as variáveis <i>identidade acadêmica</i> e <i>identidade atlética</i> em função da intencionalidade da prática do esporte (lazer <i>versus</i> alto rendimento).....	77

LISTA DE SIGLAS

AAAs	Associações Atléticas Acadêmicas
AAIS	Academic and Athletic Identity Scale
AAIS-Br	Escala de Identidade Acadêmica e Atlética
AFC	Análise Fatorial Confirmatória
AFE	Análise Fatorial Exploratória
AIMS	Athletic Identity Measurement Scale
ANOVA	Análise de Variância
BIMS	Baller Identity Measurement Scale
CBDU	Confederação Brasileira do Desporto Universitário
CC	Confiabilidade Composta
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFI	Comparative Fit Index
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CPB	Comitê Paralímpico Brasileiro
EF	Escala Flourishing
EIP	Escala de Identidade Profissional
EUA	Estados Unidos da América
FFCLRP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
FISU	Federação Internacional de Desporto Universitário
FI	Flourishing
FUES	Federações Universitárias Estaduais
GFI	Goodness of Fit Index
IAc	Identidade Acadêmica
IAt	Identidade Atlética
IES	Instituição de Ensino Superior
IP	Identidade Profissional
JUBs	Jogos Universitários Brasileiros
LDU	Liga do Desporto Universitário
MANOVA	Análise Multivariada de Variância
MI	Índice de Modificação
MSI	Measure of Student Identity
NCAA	National Collegiate Athletics Association
RMSEA	Root Mean Square Error of Apoximation
SPSS	Software Statistical Package for Social Sciences
SRMR	Standardized Root Mean Square Residual
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
VEM	Variância Extraída Média
α	Alfa de Cronbach

SUMÁRIO

Introdução.....	13
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	19
1.1 Esporte universitário.....	19
1.1.1 Cenário internacional.....	19
1.1.2 Cenário nacional.....	22
1.2 O conceito de identidade.....	30
1.2.1 Identidade acadêmica e atlética.....	34
1.2.2 Investigações sobre a identidade atlética de estudantes universitários.....	37
1.3 A experiência de universitários que praticam esporte.....	50
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO.....	54
2. Justificativa e Objetivos.....	54
3. Variáveis da pesquisa.....	56
4. Método.....	57
4.1 Participantes.....	57
4.2 Instrumentos de medida.....	60
4.2.1 Questionário sociodemográfico (APÊNDICE A).....	61
4.2.2 <i>Academic And Athletic Identity Scale</i> (ANEXO A e B).....	61
4.2.3 Escala De Identidade Profissional (ANEXO C).....	62
4.2.4 Escala Flourishing (ANEXO D).....	63
4.3 Procedimentos de coleta de dados.....	63
4.4 Procedimentos de análise de dados.....	64
4.5 Considerações éticas.....	67
5. Resultados.....	67
5.1 Adaptação transcultural da AAIS.....	68
5.2 Evidências de Validade da AAIS-Br.....	70
8. Discussão.....	77
9. Considerações Finais.....	82
Referências.....	85
Apêndices.....	100
Anexos.....	109

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa contribuir com a produção de conhecimento sobre o construto identidade em pessoas que se dedicam, concomitantemente, aos estudos de nível superior e ao esporte. Nesse sentido, são focalizados, especificamente, os papéis relativos aos estudos (identidade acadêmica) e aos esportes (identidade atlética) no contexto brasileiro. A escolha do fenômeno de investigação para o desenvolvimento desta pesquisa decorre, principalmente, dos resultados obtidos no trabalho de conclusão de curso da autora, cujo tema compreendeu as percepções e expectativas de estudantes atletas sobre a construção de suas carreiras na transição da universidade para o mundo do trabalho.

O trabalho foi recentemente publicado em volume especial de Psicologia do Esporte pela Psicologia Revista (Fiochi-Marques, Oliveira, & Melo-Silva, 2018), e nele destaca-se o desempenho dos papéis relativos ao esporte e ao estudo em universitários. Diante dessa perspectiva, há propostas de diferentes nomenclaturas para definir o praticante esportivo a nível do ensino superior, de acordo a saliência dos papéis assumidos: universitário-atleta ou atleta-universitário. Os resultados dessa pesquisa e as experiências prévias da autora, nesse domínio, geraram novas perguntas para a busca do conhecimento e, assim, motivaram o delineamento desta investigação, com objetivo de explorar as relações entre as identidades relativas ao papel estudantil e esportivo, conhecidas na literatura como identidade acadêmica e identidade atlética.

Contextualizando o estudo, cumpre destacar que, as experiências como estudante universitária praticante de esporte e como colaboradora atuante na elaboração de outros estudos realizados durante a graduação ligados à temática esportiva, possibilitaram a observação da dificuldade na conciliação de tais papéis. Além dessas experiências, são verificados alguns obstáculos para a vida desse grupo específico, tais como ausência de suporte para a facilitação e planejamento da carreira, falta de incentivo de muitas

Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, e falta de legislação mais representativa para o esporte universitário (Fiochi-Marques et al., 2018).

A imersão no campo por meio da participação em campeonatos oficiais, do conhecimento sobre a legislação esportiva e da convivência com universitários praticantes de esportes com diferentes intencionalidades (do lazer ao alto rendimento), possibilitou apreender a necessidade de avanços científicos sobre o dinamismo das relações entre os papéis que as identidades acadêmica e atlética têm, principalmente no esporte universitário, bem como as particularidades de seus participantes, o que existe em outros países há tempos. Apesar de mais explorado no contexto internacional, onde o esporte universitário é culturalmente estimulado, no Brasil os dados apontam para um crescimento expressivo a cada ano, tanto em relação à prática esportiva universitária não competitiva, quanto à participação em campeonatos oficiais e/ou oficiais (Leiros et al., 2010; Malagutti, 2015).

A partir do exposto, e com base na revisão de literatura acerca do esporte universitário, estudos relativos às identidades acadêmica e atlética se destacaram, correspondendo a papéis salientes e inerentes a esse grupo específico (Yukhymenko-Lescroart, 2014, 2018). Dessa forma, o delineamento da presente pesquisa pautou-se na operacionalização de tais construtos psicológicos que se propõem a mensurar o grau de identificação dos praticantes de esporte no contexto universitário em relação aos estudos e aos esportes.

A mensuração da identidade atlética foi proposta pioneiramente por Brewer, Van Raalte e Linder (1993), por meio de uma escala denominada *Athletic Identity Measurement Scale* (AIMS), amplamente utilizada e testada no decorrer dos anos. Contudo, ao passo em que foi sendo aprimorada, a escala apresentou algumas incoerências psicométricas, observadas nas tentativas de aprimoramento com novos

modelos da escala, como feito por Brewer e Cornelius (2001). Já a mensuração da identidade acadêmica ou estudantil, como também é conhecida, foi mais estudada em termos do desempenho acadêmico, isto é, em comparação a outras variáveis do contexto escolar. Nessa direção, na literatura científica foi encontrada apenas uma medida específica para apreender a identidade, conhecida como *Measure of Student Identity* – MSI (Shields, 1995). Apesar da iniciativa, o autor não apresentou o resultado das medidas de validação e fidedignidade, e o instrumento não foi amplamente utilizado e aperfeiçoado.

Nesse sentido, foi identificada uma escala recente, criada com a proposta de mensurar ambas as identidades – atlética e acadêmica – em um formato curto e específico. A escala foi desenvolvida por Yukhymenko-Lescroart (2014) e intitulada *Academic and Athletic Identity Scale (AAIS)*, a qual consiste em 11 itens que objetivam medir a identidade acadêmica e atlética por meio do grau de centralidade da autopercepção dos papéis relativos às duas identidades. O referido instrumento visa a indicação do respondente a partir do quão central é o senso de quem realmente é em cada uma das características/qualidades elencadas, a partir de uma escala do tipo *likert*, em que 1 seria “não central” e 7 “núcleo central”. Além disso, a escala possui dois fatores (Identidade Acadêmica e Identidade Atlética), com cinco e seis itens respectivamente. As primeiras evidências de validade apresentadas decorreram de um estudo da autora com 596 universitários estadunidenses praticantes de modalidades coletivas, em dois níveis de participação esportivo: estudantes do time da universidade *versus* de clubes esportivos. Em termos psicométricos, o estudo apresentou um modelo de dois fatores, índices de ajustamento satisfatórios e coeficientes de confiabilidade adequados.

Em estudos posteriores sobre a mesma escala com o mesmo público-alvo de universitários praticantes de esportes, desenvolvidos por MacNab (2015), no contexto

estadunidense, e por Van Rens, Ashley e Steele (2018), no contexto australiano. A estrutura de dois fatores da escala foi apoiada pelas análises fatoriais confirmatórias. Além disso, as pesquisas forneceram evidências de validade e confiabilidade satisfatórias. Apesar de ser uma medida relativamente nova, a AAIS demonstrou ter bons índices de ajustamento e ser eficaz na mensuração das identidades de estudantes que praticam esportes. Assim, trazer essa medida para o contexto brasileiro mostrou-se uma oportunidade interessante, uma vez que a temática ainda assume caráter exploratório no país, haja vista o reduzido número de publicações brasileiras em bases de dados científicas acerca de temáticas que se relacionam com a caracterização dos praticantes de esporte a nível universitário. Ainda, há notável escassez em termos de instrumentos psicométricos adaptados e fidedignos para o contexto brasileiro que também sejam específicos para o contexto esportivo.

A elaboração da AAIS foi embasada por Yukhymenko-Lescroart (2014) a partir da Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1978), levando em consideração os instrumentos já existentes, e em direção ao aprimoramento e avanço dos estudos das identidades salientes de estudantes universitários que praticam esportes. Nesse sentido, adaptar e apresentar evidências de validades iniciais da *Academic and Athletic Identity Scale* (AAIS) para o contexto brasileiro torna-se o objetivo principal desta pesquisa, visando contribuir com a produção do conhecimento, no domínio relativo ao construto identidade em universitários praticantes de esportes, e com vistas a direcionar a atenção à população específica de estudantes universitários praticantes de esportes no Brasil.

Para circunscrever e justificar a importância de tal temática, esta dissertação está estruturada em duas partes: enquadramento teórico e estudo empírico. No enquadramento teórico, parte I, são apresentadas: a revisão bibliográfica preliminar abordando o esporte no contexto universitário, cenários internacional e nacional; o conceito de identidade,

acadêmica e atlética; investigações sobre a identidade atlética em estudantes universitários; e a experiência de universitários que praticam esportes. Na sequência, a parte II apresenta o estudo empírico, organizado em seções que tratam da justificativa e objetivos da investigação, variáveis de pesquisa, método, resultados, discussão e considerações finais.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 ESPORTE UNIVERSITÁRIO

Para a compreensão do universo desta pesquisa é importante conhecer as premissas do esporte no âmbito do ensino superior, também conhecido como meio universitário. Nessa direção, o então denominado esporte universitário pode ser definido como toda e qualquer prática esportiva, seja ela obrigatória ou voluntária, realizada por alunos matriculados na graduação ou na pós-graduação de uma IES (C.G. Barbosa, 2014; Veloso, 2005). A partir da Constituição Brasileira de 1988, em congruência com a publicação da Carta Internacional de Educação Física e Esporte pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1978, rompe-se o pressuposto de que o esporte é apenas uma prática voltada ao rendimento, a partir do reconhecimento de que é direito de todas as pessoas (Tubino, 2010).

Nesse sentido, a prática esportiva pode se concentrar em três manifestações distintas: esporte participação (voltada para o lazer), esporte educação (aprendizado de uma modalidade) ou esporte de desempenho (alto rendimento) (Lei No. 9.615, 1998; Mazzei & Bastos, 2012; Veloso, 2005). Para fins de contextualizar o fenômeno esportivo, a perspectiva histórica é apresentada em duas subseções, que tratam do cenário internacional e nacional.

1.1.1 CENÁRIO INTERNACIONAL

O surgimento do esporte universitário no mundo ocorreu por meio de ações isoladas e autônomas que partiram dos próprios estudantes. As primeiras manifestações datam entre os séculos XIII e XVIII, em que os estudantes universitários praticavam alguns jogos desde a fundação de universidades italianas, espanholas e inglesas mais

antigas, embora o exercício físico não estivesse integrado nos programas das universidades (Renson, 1999).

Após tal período, em meados do século XIX o esporte aparece na Grã-Bretanha em todos os níveis educacionais, desde escolas primárias até universidades com o objetivo de melhor gerir o tempo livre dos estudantes de classes dominantes e ascendentes (Alegre, 1988). É nesta fase, e já no início do século XX, o período em que o esporte universitário se concretiza, com a internacionalização das competições e a criação dos primeiros órgãos institucionais. Foram os estudantes, fora do âmbito das universidades, que se organizaram em clubes desportivos e, posteriormente, em associações e federações nacionais (Galien, 2004).

As primeiras federações nacionais nasceram nos Estados Unidos da América (EUA) (1906), seguidos pela Hungria (1907) e toda influência histórica das primeiras federações internacionais se deu durante os períodos da Primeira e Segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria. As universidades dos EUA e da Grã-Bretanha, contudo, foram as primeiras a oferecerem programas esportivos às suas comunidades universitárias e a reconhecerem os valores educativos do esporte, tendo sido introduzidos de forma gradual em todos os países. Assim, o esporte converte-se em parte integrante do estilo de vida de muitos estudantes que aderem aos programas de caráter educativo promovido pelas universidades, assumindo papel de instrumento social entre a comunidade e ainda um fator importante para a melhoria da qualidade de vida das pessoas (Alegre, 1988; Parente, 2011).

Apesar da existência de outras organizações estudantis mundiais, a Federação Internacional de Desporto Universitário (FISU), fundada em 1949, é uma das primeiras e a atual entidade responsável pela organização do esporte universitário mundial. A FISU também gere o principal campeonato de nível superior desde 1959 até os dias de hoje,

denominado Universiades. Além disso, é a única organização mundial de esporte universitário presente em todos os continentes (Campana, 2004).

De acordo com a cultura esportiva de cada país, a finalidade do esporte universitário pode variar. É possível encontrar países que têm como peça fundamental a formação de atletas para o alto rendimento e o esporte é visto como parte da carreira profissional, e países em que sua função é mais voltada a formação integral, tanto física quanto mental, do sujeito como ser humano (Parente, 2011).

Considerando as primeiras manifestações do esporte universitário no mundo, observa-se que a sua origem é no continente europeu, tendo como grande exemplo o surgimento do movimento olímpico (Foldesi, 1993). Além disso, a maior parte das organizações desportivas internacionais estão sediadas na Europa, e por mais que haja divisões entre os modelos esportivos no continente, em geral as experiências de torneios esportivos europeus universitários têm como foco central a integração e confraternização entre os estudantes, com práticas mais recreativas do que competitivas. Ao contrário do que acontece com o esporte de elite fora das IES, em que o mercado desempenha um papel central, o esporte universitário é baseado nos princípios da atividade sem fins lucrativos e no seu papel educativo. De uma forma geral, têm como objetivo principal o divertimento, a promoção da saúde, a participação e, em certos casos, no âmbito da competição esportiva e de alto rendimento (Parente, 2011; Veloso, 2005).

Já o modelo americano possui uma extrema relação com a “experiência educativa do estudante” e tem uma enorme popularidade, cobertura da mídia e dimensão social, principalmente nos EUA, onde o esporte universitário serve como um salto para os atletas ingressarem no esporte profissional (Colaço & Fleck, 2009). Após suas primeiras manifestações em meados do século XIX, a *National Collegiate Athletics Association* (NCAA) foi fundada em 1906 como órgão máximo do esporte universitário

estadunidense, por ordem do Presidente Theodore Roosevelt. O então presidente dos EUA impôs aos reitores das universidades estadunidenses que tornassem o esporte seguro, ou que acabasse com a prática de imediato, uma vez que haviam sido registradas 18 mortes e 150 feridos graves durante a prática de jogos de futebol americano nos campeonatos universitários (Renfro, 2007).

O eixo mais representativo de esporte universitário estadunidense torna-se, desde o início, o esporte-desempenho, cujo objetivo é a obtenção de resultado e alto rendimento, além de ser uma prática seletiva, em que estão apenas os melhores dentre os universitários. Assim, o esporte universitário nos EUA e seus órgãos promotores empenham-se na missão da formação superior no sentido de garantir que os estudantes praticantes de esporte sejam efetivamente acadêmicos e atletas, não fazendo sentido nem sendo justificável a prática esportiva IES estadunidenses com outro fim (Parente, 2011).

Mais do que uma prática, o esporte universitário é considerado como valor acrescentado à experiência educativa dos estudantes, por meio da promoção de competências que o esporte promove como trabalho em equipe e esforço árduo, auto sacrifício e autodisciplina, persistência e resistência às dificuldades, e busca pela excelência.

1.1.2 CENÁRIO NACIONAL

As primeiras manifestações do esporte universitário no Brasil foram registradas no final do século XIX nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Após a fundação da Federação Atlética dos Estudantes no Rio de Janeiro em 1933, instituições similares começaram a surgir nos demais estados brasileiros. Após jogos interestaduais organizados por iniciativa dos próprios estudantes e então organizados em federações, a

1ª Olimpíada Universitária do Brasil ocorreu em São Paulo-SP no ano de 1935 (Hatzidakis, 2005; Maroni, 2012).

Quatro anos depois, o órgão máximo regulador do esporte universitário fora fundado e intitulado Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU). O feito ocorreu em 09 de agosto de 1939 e sua filosofia estava pautada nas noções de amizade, fraternidade, perseverança, integridade e cooperação (C.G. Barbosa, 2014; Borges & Buonicore, 2007).

De acordo com Mezzadri (2000), o esporte universitário era praticado dentro das IES, mesmo antes de ser institucionalizado pelo estado. A CBDU, contudo, foi oficializada apenas dois anos depois de sua fundação, junto à primeira regulamentação do esporte em vários âmbitos. O decreto de Lei No. 3.617 (1941) foi assinado por Getúlio Vargas, seguido da criação de várias leis sobre o esporte. A partir de então, o esporte universitário começou a ser controlado pelo estado, com regras estabelecidas para torná-lo competitivo e organizado (Starepravo, 2005; Starepravo, Reis, Mezzadri, & Marchi, 2010).

Conforme pode ser observado na Tabela 1, foi no governo de Getúlio Vargas o marco inicial da institucionalização do esporte, sendo administrado por militares e fazendo parte do Ministério da Educação e Cultura (Garcia, 2018). Após tal decreto de 1941, que esteve vigente por mais de 30 anos, a Lei No. 6.251 (1975) regulou o modelo de esporte universitário presente até os dias atuais, dele ressaltando a separação do esporte escolar e universitário. Após essa regulamentação, destaca-se a Lei No. 8.672 (1993), também conhecida como Lei Zico. De acordo com Tubino (2010) esta foi uma lei marcante, pois determinou os conceitos e princípios para o esporte brasileiro, inclusive contemplando o reconhecimento das manifestações esportivas (esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance). Após cinco anos de vigência, a Lei No.

9.615 (1998), popularmente conhecida como Lei Pelé, praticamente manteve a perspectiva conceitual e os princípios da Lei Zico (Leiros et al., 2010). Tais princípios levaram o Governo Federal e os estaduais a incluírem o esporte em suas atividades programáticas com responsabilidades para além do esporte de rendimento, incluindo o esporte-educação e o esporte-participação (Tubino, 2010).

Tabela 1

Panorama histórico-político do esporte brasileiro

Data	Fatos
1937	Lei nº378/37 – criação da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura
1941	Lei nº 3617/41 – oficialização CBDU
1975	Lei nº 6251/75 – regulação do modelo de esporte universitário, separando-o do esporte escolar
1993	Lei nº 8672/93 – Lei Zico
1998	Lei nº 9615/98 – Lei Pelé
1999	Criação do Ministério do Esporte e Turismo
2001	Lei nº 10264/01 – Lei Agnelo/Piva
2003	Criação do Ministério do Esporte
2019	Decreto nº 9674/19 – Extinção do Ministério do Esporte, agora parte do Ministério da Cidadania, como Secretaria Especial do Esporte

Fonte: Elaborada pela autora

A Lei Agnelo/Piva, por sua vez, acrescentou incisos e parágrafos à Lei Pelé. Complementou o financiamento do esporte mediante o uso de verbas no valor de 2% da arrecadação bruta advinda dos concursos das loterias promovidas pela Caixa Econômica Federal. No que diz respeito direto ao esporte universitário, a lei passou a garantir que, dos totais de recursos correspondentes aos percentuais destinados ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), 10% sejam investidos no esporte escolar e 5% no esporte universitário (Lei No. 10.264, 2001; Tubino, 2010).

Ao longo de tais implementações legislativas, as responsabilidades esportivas estiveram atreladas inicialmente ao Ministério da Educação, depois ao Ministério do Esporte e Turismo, ao Ministério do Esporte (Tubino, 2010) até 2018, e agora, por meio

do Decreto No. 9.674 (2019), à Secretaria Especial do Esporte contida dentro do Ministério da Cidadania.

De acordo com o site oficial¹, o extinto Ministério do Esporte e agora Secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania, é responsável por construir uma Política Nacional de Esporte e trabalhar ações de inclusão social por meio do esporte, garantindo o acesso gratuito à prática esportiva, qualidade de vida e desenvolvimento humano, além de desenvolver o esporte de alto rendimento.

Em 2004, um ano após a criação do Ministério do Esporte, ocorreu a I Conferência Nacional do Esporte, com a finalidade de reunir a sociedade para formulação de políticas públicas para o esporte e o lazer que agregem a Política Nacional de Esporte. Tal movimento seguiu-se de mais duas conferências, nos anos de 2006 e 2010. Em especial a terceira e última conferência teve o objetivo de aprovar propostas para compor o Plano Decenal de Esporte e Lazer. Dentre as 10 linhas estratégicas de trabalho, as propostas sobre o esporte universitário estiveram na linha 3 (esporte, lazer e educação) e na linha 6 (esporte de alto rendimento).

Ainda é possível observar no site, em relação à linha 3, que a proposta incluía instituir núcleos de esporte universitário nas IES e aprimorar a realização de olimpíadas universitárias. Já na linha 6, revelam a proposta de um sistema nacional de esporte universitário desenvolvido e pronto para ser implementado. Apesar da formulação e apresentação destas propostas, elas não foram aprovadas e sequer citadas na plenária final e no documento das moções².

O cenário atual do esporte brasileiro, haja vista, é controverso. No âmbito de políticas públicas a pasta esportiva foi rebaixada de Ministério para compor uma Secretaria. Apesar dessa mudança, o secretário especial de esporte Décio Brasil, em

¹ www.esporte.gov.br

² www2.esporte.gov.br/conferencianacional/resolucoesIIICNE.jsp

reunião do Conselho Nacional do Esporte, em maio deste ano, declarou que toda a atividade fim na atual Secretaria permaneceu igual ao que era no Ministério do Esporte, garantindo que não houve nenhum prejuízo para o esporte³. Em relação ao esporte universitário, destaca-se o movimento da CBDU presente de forma cada vez mais expressiva em campeonatos e promovendo estímulo científico, como da realização do 15º Fórum Nacional do Desporto Esportivo⁴ no início deste ano. E, por outro lado, ainda há o desconhecimento do próprio órgão e suas finalidades por parte de muitos universitários que praticam esportes, o que indica a não abrangência desse público alvo pelo órgão institucional (Isoldi, 2015).

Como apresentado anteriormente, apesar da existência de leis regulamentadoras do esporte, tais políticas superficialmente tratam do esporte universitário, evidenciando em geral a questão de fomento à CBDU. Nesse sentido, é possível observar práticas variadas do esporte dentro das IES brasileiras, integrando um pouco do que existe no contexto americano e europeu. Em outras palavras, neste segmento encontram-se atualmente práticas voltadas para os três tipos de esporte reconhecidos pelas leis brasileiras: esporte-educação (aprendizado de alguma modalidade), esporte-performance (de rendimento e alto desempenho, que visa a seleção de alunos para disputa de campeonatos) e esporte-participação (prática esportiva livre que visa o lazer e a integração estudantil) (Starepravo et al., 2010).

Contudo, a pergunta de como e onde deve ser enquadrado o esporte universitário se mantém, conforme análise de Maroni (2012). Observa-se que o fomento às modalidades esportivas, via CBDU, tem priorizado o alto rendimento. Ainda que no Brasil tenha havido a valorização do esporte para bem-estar, saúde e socialização, há a

³ <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/58974-ministro-osmar-terra-e-secretario-decio-brasil-participam-de-reuniao-do-conselho-nacional-do-esporte>

⁴ <http://www.cbdu.org.br>

necessidade de regulamentação do fomento, também para as outras categorias: esporte-educação e esporte-participação.

Essa falta de definição sobre o tipo de esporte praticado nas IES pode ser explicitada devido à falta de um modelo esportivo claro para este seguimento e de oportunidades esportivas distintas entre IES públicas e privadas, com regras e modelos de gestão diferentes, por exemplo (C.G. Barbosa, 2014). Em IES públicas o esporte é geralmente oferecido como projeto de extensão e praticado de forma mais recreativa, ao passo que as IES privadas muitas vezes contratam atletas ou ainda fazem parceria com clubes federados, utilizando o esporte mais como ferramenta de *marketing* e promovendo mais o alto rendimento (Voser, Hernandez, Voser, & Rodrigues, 2016).

Assim, apesar de o esporte universitário ter evoluído nos últimos anos (Voser *et al.*, 2016), ter um grande potencial de crescimento e possuir um público diversificado com alto interesse, continua com gestões amadoras e com pouco investimento e/ou investimento desigual, resultando também em competições esvaziadas, desorganização e pouco interesse pela mídia e torcedores (C.G. Barbosa, 2014; Maroni, 2012).

A CBDU, apesar do lema de sua fundação, declara-se uma entidade focada no esporte-desempenho (Leiros *et al.*, 2010), e além de estar filiada à FISU – atual entidade responsável pela organização do esporte universitário em âmbito mundial⁵ – é a responsável pelo repasse de verbas para as Federações Universitárias Estaduais (FUEs). Por sua vez, estas regem e são responsáveis pelo repasse às IES.

Desde sua criação, a CBDU estuda a organização do calendário de jogos e procura adequar aos da FISU. No período de 2005 a 2012, os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) foi organizado pela CBDU em parceria com o COB e com o apoio do então existente Ministério do Esporte e das Organizações Globo, sendo nomeado por

⁵ <http://www.cbdu.org.br/>

Olimpíadas Universitárias JUBs. A parceria foi importante para que a CBDU se reestruturasse e adquirisse *know how* administrativo, uma vez que ampliou seu quadro de funcionários e reestruturou todas as bases estaduais. A partir de 2013, a CBDU voltou a organizar sozinha tais jogos, que voltaram a se chamar JUBs (Garcia, 2018).

Até 2017, os principais campeonatos oficiais nacionais eram os JUBs e também a Liga do Desporto Universitário (LDU). Com alcance de mais de sete mil estudantes universitários credenciados em alguma modalidade no JUBs desta última edição e sendo o maior evento já realizado, a CBDU, a partir de 2018, decidiu reformular não apenas os campeonatos, mas todo o calendário do esporte universitário nacional oficial. Segundo o Regulamento Geral do JUBs 2018, disponível no site oficial da confederação, todas as competições passaram a se chamar JUBs, como estratégia para alcançar maior amplitude, mais modalidades, e mais participações.⁶ A participação de campeonatos universitários oficiais é permitida por meio da filiação indireta à CBDU. Essa ligação pode ser feita por meio das Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs) ou departamentos esportivos constituinte da própria IES, conforme esquema indicado na Figura 1.

Fonte: Elaborada pela autora

Figura 1. Esquema organizacional do esporte universitário brasileiro

⁶ <https://www.cbdu.org.br>

Além do esporte universitário oficial, organizado e gerido por entidades (confederações e federações) reconhecidas legalmente, há um formato alternativo de competição esportiva que também vem crescendo entre os acadêmicos. Esses modelos alternativos, conhecidos como competições "oficiosas", apresentam-se como organizações formadas exclusivamente pelos estudantes, geralmente por meio das Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs), com pouca ou nenhuma ligação com as entidades oficiais do esporte universitário. Nesse formato, os campeonatos esportivos têm objetivo de integração entre seus participantes, por meio das competições esportivas e de grandes festas, realizadas durante o período de competição (Malagutti, 2015).

Embora os dois tipos de jogos aproximem-se em seus modelos competitivos, distanciam-se em suas intencionalidades, podendo ser observadas, a partir das estruturas e agentes sociais envolvidos, disputas entre as duas principais manifestações do esporte universitário brasileiro: o esporte-participação e o esporte-desempenho. Enquanto a organização dos campeonatos oficiais atua como manifestação principal do esporte universitário nacional, com a seleção dos melhores alunos, o modelo alternativo de campeonatos oficiosos vem ganhando espaço, com maior participação dos acadêmicos a cada edição (Malagutti, 2015).

Esse quadro apresenta alguns desafios para a experiência do esporte na universidade, até mesmo evidenciado com preocupação de Luciano Cabral, presidente da CBDU (gestão 2005-atual). Em seu capítulo específico sobre o papel da instituição, organizado por Leiros et al. (2010), Cabral realça o desafio de contemplar o esporte de alto rendimento e o esporte-participação na universidade de maneira democrática.

Após observar o panorama geral do esporte universitário, nota-se a falta de um modelo esportivo nacional coeso e de fato vigente, evidenciado pelo panorama político

legislativo que confere muita autonomia às diversas manifestações esportivas e, especialmente no que toca ao contexto universitário, deixada aos interesses particulares de cada IES. Além disso, tanto na legislação quanto no meio científico, verifica-se que há pouca informação sobre as possibilidades de conciliação dos estudos e do esporte dadas ao estudante universitário que pratica esporte no Brasil. Nesse sentido, ao compreender o cenário em que os universitários praticantes de esporte estão inseridos, a seguir, atenta-se para as possibilidades de constituição de sua identidade, especialmente ligadas aos papéis relativos aos estudos e aos esportes, aqui nomeados a identidade acadêmica e atlética.

1.2 O CONCEITO DE IDENTIDADE

Estudos sobre a identidade permeiam as investigações de psicólogos, estudiosos das áreas de ciências humanas, sociais e de outras áreas do conhecimento há centenas de anos (Cabrita, 2014). Apesar de diversas definições serem apresentadas para este conceito, os pesquisadores parecem assumir o consenso geral de que a identidade atua como um dos principais determinantes do comportamento do indivíduo (Silva et al., 2016). Várias abordagens teóricas a interpretam como parte do *self*, definindo este como um processo psicológico base (Sturm, Feltz, & Gilson, 2011), e a identidade como resultado desse processo descrito em termos de papéis, com atribuição de significados que o indivíduo tipicamente representa e/ou desempenha (Stryker & Burke, 2000).

De acordo com os teóricos Dubar (2005), Erikson (1987) e Tajfel (1978), a identidade é constituída nos múltiplos contextos das interações sociais, relacionamentos, instituições e processos, o que indica a sua formação em torno dos papéis-chave que o indivíduo desempenha. Um elemento central obrigatório é que a identidade de alguém é investida em um papel, e tal identidade do papel pode ser definida como a visão imaginativa de si mesmo, como o indivíduo gosta de pensar sobre si mesmo e agir como

um ocupante dessa posição (Sturm et al., 2011). A profundidade, intensidade e continuidade da identidade investida em um papel refletem o nível de comprometimento que, por sua vez, serve para manter a adesão ao papel –incluindo o gasto de tempo, energia ou outros valores para o papel (Snyder, 1985).

Erikson (1987) refere que a identidade é um processo que não só se inicia cedo na vida como continua ao longo desta. Neste sentido, o autor descreve o desenvolvimento da identidade do indivíduo ao longo do desenvolvimento humano, sendo que cada período corresponde a uma faixa etária específica e envolve a aquisição de um estilo consistente de organização da experiência, de reestruturação da identidade e de incorporação de novos papéis oferecidos pela sociedade.

Cada um dos estágios apresentados por Erikson é caracterizado por um dilema particular em que o indivíduo desenvolve atitudes básicas que contribuem para o seu desenvolvimento psicossocial e para responder aos pedidos sociais. Assim como o indivíduo se desenvolve, também a sociedade vai obtendo diferentes expectativas em relação a ele, e é nesta dinâmica interacional do indivíduo com o meio que o desenvolvimento da identidade ocorre (Erikson, 1987).

Nessa direção, Dubar (2005) reconhece a influência dos grupos sociais para constituição da identidade e também aponta para a complexidade de tentar defini-la. O autor afirma que a identidade seria o resultado dos diversos processos de socialização ao mesmo tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições. Destaca ainda a socialização como construção de uma identidade que acontece pela interação ou comunicação com os outros, chamada então de identidade social, e a analisa a partir de uma articulação de dois processos identitários heterogêneos: o processo relacional e biográfico.

Como mostra a Figura 2, no processo relacional (identidade para o outro) é que se reconhecem atos de atribuição da identidade pelas instituições e pelos agentes que estão em interação direta com o indivíduo. A formalização legítima dessas categorias constitui um elemento essencial desse processo que, uma vez concluído, se impõe coletivamente, ao menos por um tempo, aos indivíduos em questão, como por exemplo “o tipo de homem/mulher que você é”. Tal processo leva a uma forma variável de rotulagem, conhecida também como identidade social “virtual” do indivíduo. Já o segundo processo, biográfico, concerne à incorporação da identidade a partir das histórias que o indivíduo conta para si mesmo sobre quem é. Este só pode ser analisado no interior das trajetórias sociais pelas e nas quais o indivíduo contrói uma identidade para si, como, por exemplo, “o tipo de homem/mulher que quer ser”.

Processo relacional	Processo biográfico
*	*
*	*
Identidade para o outro	Identidade para si
*	*
*	*
Atos de atribuição (os outros dizem que você é)	Atos de pertencimento (você diz que você é)
*	*
*	*
Transação objetiva entre - identidades atribuídas/propostas - identidades assumidas/incorporadas	Transação subjetiva entre - identidades herdadas - identidades visadas
*	*
*	*
Alternativa entre - cooperação – reconhecimento - conflitos – não-reconhecimento	Alternativa entre - continuidades -> reprodução - rupturas -> produção
*	*
*	*
Identificação com instituições consideradas estruturantes ou legítimas	Identificação com categorias consideradas atraentes ou protetoras
*	*
*	*
* Identidade social marcada pela dualidade *	

Fonte: Dubar (2005)

Figura 2. Categorias de análise da identidade social propostas por Dubar (2005)

Contudo, esses dois processos não são necessariamente coincidentes. Quando seus resultados são diferentes, há um desacordo entre as identidades pelo indivíduo. Nesse

sentido, há estratégias identitárias destinadas a reduzir a distância entre as duas identidades, que podem assumir a forma de transações externas ou internas, que seriam nada mais do que negociações feitas pelo indivíduo. A abordagem de Dubar (2005), por fim, entende a articulação entre essas duas transações como a chave do processo de construção das identidades sociais.

Além disso, segundo o autor, a identidade nunca é dada, está sempre em um processo de construção e reconstrução, passando por incertezas de maior ou menor duração. Também a identidade social não é “transmitida” por uma geração à seguinte, cada geração a constrói, com base nas categorias e nas posições herdadas da geração anterior, mas também por meio das estratégias identitárias desenvolvidas nas instituições pelas quais os indivíduos passam e que eles também contribuem para transformar.

Kimmel e Weiner (1998) afirmam que, quanto mais desenvolvido o sentimento de identidade, ou mais coesa a identidade social, conforme a teoria de Dubar (2005), mais o indivíduo valoriza o modo em que é parecido ou diferente dos demais e mais claramente reconhece suas limitações e habilidades. Quanto menos desenvolvida está a identidade, ou mais discrepante a identidade de si com a identidade para o outro, mais o indivíduo necessita o apoio de opiniões externas para avaliar-se e compreende menos as pessoas como distintas.

De acordo com as teorias sociais de identidade aqui apresentadas, diversos papéis podem ser desempenhados em conjunto. Markus e Wurf (1987) referiram-se a essa ideia como o "autoconceito multifacetado", porque o eu (*self*) não é definido por um único rótulo, mas envolve vários papéis que um indivíduo assume durante sua vida. Dubar (2005) realça também que as categorias que servem para se autoidentificar e identificar o outro ao longo do ciclo de vida não necessariamente são as mesmas ou comparáveis entre si. Tais categorias podem diferir em relação às fases da vida e os papéis podem ser

compatíveis com as cenas sociais que o indivíduo se investe sucessivamente. Categorizações legítimas, como é o caso do campo escolar e profissional, por exemplo, influenciam necessariamente o processo de construção das identidades, mas é na maneira como o indivíduo utiliza, perverte, aceita ou recusa as categorias oficiais que devem ser lidos os processos de identificação futura que implicam rearranjos permanentes tanto das áreas quanto das categorias identitárias (Dubar, 2005).

Nesse sentido, o presente estudo assume as identidades acadêmica e atlética como tipificações/tipos identitários de estudantes universitários que praticam esportes, assim como Yukhymenko-Lescroart (2014) defendeu por meio de seu embasamento teórico pautado na teoria da identidade social de Tajfel (1978). As tipificações, por sua vez, são definidas por Erikson (1987) como modelos socialmente significativos para realizar combinações de identificações fragmentárias.

Como tal, espera-se que a identidade de estudantes que praticam esporte seja formada e sustentada em dois principais papéis e contextos sociais dominantes ligados ao estudo e ao esporte (Sturm et al., 2011; Yukhymenko-Lescroart, 2018). É possível, contudo, que alguns estudantes-atletas se identifiquem, principalmente, como acadêmicos que participam do esporte (estudantes-atletas), ou como atletas que estão cursando o grau acadêmico (atletas-estudantes), ou até mesmo ambos (Yukhymenko-Lescroart, 2014). A seguir, são apresentados estudos relativos a tais identidades ligadas aos contextos acadêmico e atlético.

1.2.1 IDENTIDADE ACADÊMICA E ATLÉTICA

O conceito de identidade acadêmica pode ser entendido como o grau de identificação do estudante com o seu papel acadêmico. No contexto universitário, foco

desta pesquisa, espera-se que tal papel assuma uma posição saliente na identidade do indivíduo, também conhecida como “*student identity*” na literatura internacional.

Segundo Dubar (2005), a primeira experiência de identidade social vem da esfera escolar, nas e pelas categorizações dos outros, principalmente dos parceiros de escola – professores e colegas. Esta identidade estudantil é conferida pelas instituições e pelos indivíduos próximos com base não somente nos pertencimentos étnicos, políticos, religiosos, profissionais e culturais de seus pais, mas também no desempenho escolar do indivíduo. A partir desta constituição, a identidade acadêmica é formada a partir dos mesmos conflitos relativos à dualidade entre os processos relacional e biográfico, desde a primeira relação do indivíduo com a escola, ainda na infância.

Nessa direção, desde Adler e Adler (1985) o tópico acadêmico é citado como emergente e alvo de preocupação em estudantes universitários que praticam esportes. Em tal estudo, os autores apontam para uma inconsistência nos achados. Em geral, concluem que esse grupo específico apresenta baixa identidade acadêmica, ingressando em cursos de ensino superior para avançar em suas carreiras atléticas e sem interesse direto em seguir na área de estudos da graduação.

Não obstante, alguns autores apontam associações positivas do envolvimento esportivo em relação ao rendimento escolar e à persistência acadêmica (Parente, 2011; Watt & Moore, 2001). Níveis elevados de rendimento escolar são atingidos quando a persistência na tarefa, a autodisciplina, a concentração e outras habilidades desenvolvidas no domínio esportivo são transferidas para o domínio acadêmico (Almeida et al., 2000; Simons, Rheenen, & Covington, 1999).

Contudo, o estudo de Shields (1995) foi um dos pioneiros que destaca a identidade acadêmica, uma vez que o autor propõe a mensuração de tal construto, por meio da criação da medida MSI anteriormente mencionada, além de relacionar tal construto a

outros conceitos, como a autoestima. Nesse mesmo estudo, Shields (1995) destaca as primeiras investigações com foco nessa identidade específica entre amostras de estudantes universitários nas publicações de Reitze (1977), Burke e Reitze (1981), e White (1988). Os estudos identificaram características associadas ao significado de ser um estudante universitário, sendo elas: seres competitivos, de mente aberta, trabalhadores, realistas, motivados, pressionados, maduros e estudiosos; além de outras correlações estudadas, que fundamentaram teoricamente a construção da MSI.

Apesar do esforço de Shields (1995) na criação de medida, o autor não citou análises estatísticas detalhadas e satisfatórias para o instrumento. Ademais, o índice de confiabilidade foi razoável (0,70) e não houve pesquisas subsequentes para examinar a estrutura fatorial da escala e para testar a multidimensionalidade proposta (Yukhymenko-Lescroart, 2014).

Nesse sentido, a quantidade ínfima de estudos que utilizaram o rótulo de identidade acadêmica, possivelmente por ser parte inerente ao contexto escolar e devido à sua variação de descritor, inviabilizaram a realização de uma revisão sistemática da literatura sobre a temática. Como de fato é mais estudada em comparação com outras variáveis, a identidade acadêmica será novamente explorada nos achados das investigações da identidade atlética, apresentada a seguir.

Apesar de clara, tal manifestação de identidade é mais comumente encontrada na literatura científica em termos da demanda e do desempenho acadêmico. No entanto, pesquisas sobre a identidade de estudantes universitários têm focalizado quase que exclusivamente na manifestação da identidade atlética (Yukhymenko-Lescroart, 2014).

A identidade atlética e a área de investigação que a compreende foi definida como o modo que o atleta se relaciona com o seu papel de vida relativo ao esporte (Brewer et al., 1993). A partir do estudo de Brewer (1993), pesquisadores tentam compreender a

dimensão atlética da identidade por meio de estudos teóricos sobre o conceito, de definição de variáveis que a compõem e desenvolvimento de instrumentos capazes de apreendê-la (Brewer, Selby, Linder, & Petitpas, 1999; Cieslak, Fink, & Pastore, 2005; Collison & Hockey, 2007; Cornelius, 1995).

Estudos científicos relativos à identidade atlética são frequentes nos EUA e em alguns países da Europa (Brown & Hartley, 1998; Hagiwara & Isogai, 2014; Lally & Kerr, 2005). Contudo, sua relação com a identidade acadêmica vem sendo recentemente mais explorada e aprimorada, como a proposta recente de mensuração desses construtos por Yukhymenko-Lescroart (2014), com a elaboração da AAIS. Para uma compreensão mais detalhada de tal construto, foi realizada uma revisão de literatura sistemática sobre o tema, a qual é apresentada a seguir.

1.2.2 INVESTIGAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE ATLÉTICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Esta subseção apresenta uma revisão de literatura sistemática sobre o conceito de identidade atlética de estudantes de ensino superior, com vistas a traçar um panorama internacional e nacional dos estudos existentes na literatura científica. Tais investigações são apresentadas por meio da contextualização do tema, seguido dos procedimentos de buscas realizados e dos resultados e breve discussão da revisão de literatura.

No contexto universitário, diversos papéis podem ser desempenhados concomitantemente ao de estudante. Além dos conflitos que são comuns nessa etapa e na juventude, estudantes universitários que praticam esporte enfrentam um conjunto particular de desafios relativos ao meio esportivo e dificuldades por terem de lidar com mais de uma prioridade ao mesmo tempo (esporte e estudo) (Barros, 2008; Watt & Moore, 2001). Assim, estudos sobre a identidade atlética desse grupo específico evidenciam-se como pertinentes e, nesse sentido, o objetivo da revisão de literatura foi identificar a

produção científica sobre identidade atlética de universitários praticantes de esporte, muitas vezes denominados “atletas universitários” e/ou “universitários atletas”.

Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura científica sobre a identidade atlética de estudantes do ensino superior praticantes de esporte. A revisão sistemática é um método cujo alcance principal é dar sentido a um grande volume de informações existente sobre uma temática específica (Muñoz, Takayanagui, Santos, & Sanchez-Weatman, 2002; Petticrew & Roberts, 2006). Assim sendo, a revisão sistemática baseia-se em procedimentos rigorosos que envolvem etapas bem definidas como a definição da problemática a ser pesquisada, a escolha das fontes bibliográficas, agrupamento e análise crítica do material encontrado. Todas as etapas devem ser explicitadas para que os resultados não sejam incompletos, ineficientes, sem validade científica, e para que seja possível também a sua replicação por outro investigador (Contandriopoulos, Lemire, Denis, & Tremblay, 2010; Ramos, Faria, & Faria, 2014).

Para identificar os estudos sobre a temática, foco deste estudo, foi conduzida uma revisão sistemática nas bases de dados LILACS, PsycINFO, SciELO, Scopus e SPORTDiscus em outubro de 2017, e atualizada em junho de 2019. Segundo Petticrew e Roberts (2006), a LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) é uma base de dados latinoamericana cooperativa que indexa mais de 600 revistas científicas, além de relatórios de pesquisa e publicações governamentais na área das ciências da saúde. A PsycINFO caracteriza-se como um banco de dados produzido pela *American Psychological Association (APA)*, incluindo revistas de Psicologia e disciplinas relacionadas. A SciELO (*Scientific Eletronic Library Online*) configura-se como uma biblioteca digital e um banco de dados bibliográfico de periódicos científicos brasileiros e de acesso aberto. A Scopus, por sua vez, é uma base de dados que engloba artigos de

áreas multidisciplinares, cobrindo as áreas de Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Físicas e Ciências Sociais. Por fim, a SPORTDiscus engloba periódicos, teses e dissertações relacionados ao esporte, relevante para este estudo.

Duas das bases de dados, LILACS e SciELO, foram escolhidas pela possibilidade de abrangerem publicações nacionais e latinoamericanas, na intenção de proporcionar uma busca mais próxima geograficamente do contexto brasileiro. As outras três bases de dados anteriormente citadas (PsycINFO, Scopus e SPORTDiscus) são internacionais e foram escolhidas pela interdisciplinaridade do construto identidade atlética, que pode ser situado na intersecção da Psicologia e Educação Física, além de áreas afins, como as Ciências Sociais e da Saúde.

A busca nas bases foi realizada em todos os campos, sem restrição de ano, com as palavras “identidade atlética”, “universitários” e “atletas” nos idiomas português, inglês e espanhol. Contudo, utilizaram-se duas estratégias diferentes, uma vez que as bases LILACS e SciELO têm configuração distinta das demais, não permitindo a utilização de estratégias complexas. Nesse sentido, a Tabela 2 apresenta as etapas seguidas neste processo de revisão sistemática, conforme sugerido por Ramos et al. (2014). Os dados foram então inseridos em uma planilha que incluía a base de dados proveniente, referência do/s autor/es, ano e país de publicação, título do estudo, periódico de publicação, objetivo do artigo, tipo de estudo, participantes, instrumentos utilizados e a as principais conclusões que os estudos apresentam em relação à identidade atlética.

A seleção inicial resultou em 305 artigos, conforme indicado na Figura 3. Os registros foram filtrados nas cinco bases de dados, selecionados e analisados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, motivo pelos quais 62 artigos foram identificados como relevantes. Desses, 60 foram recuperados na íntegra e incluídos em seis categorias lógicas baseadas no modelo categorizado por Cabrita (2014) em sua revisão sistemática

sobre a mesma temática, sendo elas: (a) Identidade atlética e dimensões de carreira (N=14); (b) Identidade atlética e participação/questões esportivas (N=13); (c) Identidade atlética e aspectos sociodemográficos (N=12); (d) Instrumentos de medida da identidade atlética (N=7); (e) Identidade atlética e questões acadêmicas (N=7); e (f) Identidade atlética e dimensões psicológicas (N=7).

Tabela 2

Dados da pesquisa de revisão de literatura

Objetivos	Identificar estudos que tratam do conceito de identidade atlética em universitários que praticam esporte
Bases de dados utilizadas na pesquisa	LILACS, PsycINFO, SciELO, Scopus e SPORTDiscus
Estratégia de pesquisa	LILACS e SciELO: athletic AND identity AND (colleg\$ OR universit\$) PsycINFO, Scopus e SPORTDiscus: "athletic identity" AND (((colleg* OR universit*) AND student*) OR (student-athlet* OR athlete-student OR athletes-student* OR college-athlet* OR athlete-colleg* OR athletes-colleg* OR collegiate-athlet*))
CrITÉRIOS de inclusÃO	Foram selecionados artigos científicos e nos idiomas inglês, espanhol ou português.
CrITÉRIOS de exclusÃO	Artigos de revisão de literatura, editoriais, livros e capítulos de livro, teses e dissertações. Artigos em idiomas diferentes de inglês, espanhol ou português. Artigos duplicados, os que não estudem o público alvo universitário, ou que não abordem a identidade atlética como tema central.
Resultados	Descrição da pesquisa
Tratamento de dados	Filtrar, analisar e descrever os dados criticamente com ajuda do Mendeley.

Fonte: Elaborada pela autora

Os artigos foram analisados e classificados, levando-se em consideração os aspectos bibliográficos como o ano, país, tipo de estudo e instrumento de medida, além dos principais temas e conclusões dos estudos em relação à identidade atlética. Assim, a revisão sistemática compreendeu os 60 artigos analisados. Cabe destacar que não se utilizou filtros de anos. O artigo mais antigo datou de 1993, e o mais recente foi indexado

neste ano de 2019. Nesse sentido, observou-se um crescente interesse pelo tema a partir de 2010, ano no qual se concentra a maioria dos artigos, aumentando o número de publicações a partir de 2015.

Fonte: Elaborada pela autora

Figura 3. Resultado da estratégia de busca dos artigos

Os países dos autores das publicações foram analisados levando em consideração a origem das instituições às quais os autores estavam filiados, como registrado na publicação. Ademais, existem publicações em coautoria com autores de países diferentes, o que consistiu um número maior de países do que o número de artigos. Como era esperado, as contribuições estadunidenses constituem a maioria. Isto talvez pelo fato de o esporte universitário nesse país ser altamente explorado, valorizado e ter um caráter

mercadológico. Além disso, o autor pioneiro na temática do construto de identidade atlética é dos EUA. Brewer (1993) publicou no início dos anos 1990 um estudo definindo a identidade atlética e, em colaboração com outros autores (Brewer et al., 1993), elaborou o instrumento de medida para tal construto anteriormente citado, denominado AIMS.

Apesar da maioria de publicações serem de origem estadunidense, destaca-se o fato de artigos produzidos por pesquisadores de outros países aumentarem significativamente a partir da década de 2010. Antes desse período, apenas um artigo foi encontrado, publicado por uma pesquisadora do Canadá, mesmo que em coautoria com outra pesquisadora dos EUA (Lally & Kerr, 2005). A publicação subsequente, de origem diferente da estudaninense, surgiu apenas sete anos depois, com uma contribuição grega de Proios (2012). A partir de então, cada vez mais estudos de outros países foram publicados, possivelmente devido ao conhecimento e importância dada ao tema por uma parcela mundial.

Considerando a metodologia, constatou-se que a maioria das investigações são do tipo quantitativo, com apenas três estudos qualitativos, dois mistos, dois teóricos e um documental. O grande número de artigos quantitativos pode ser explicado pela operacionalização do construto de identidade atlética. Os instrumentos utilizados para mensurar a identidade atlética especificamente são elencados a seguir.

No total, sete instrumentos foram utilizados: *Athletic Identity Measurement Scale* (AIMS-10) em 29 artigos; AIMS-7 em 19 artigos; entrevista em três artigos; *Academic and Athletic Identity Scale* (AAIS) em três artigos; *Public-Private Athletic Identity Scale* (PPAIS) em dois artigos; *Athlete Identity Scale* (AIS) - versão ligeiramente modificada do *Exercise Identity Scale* (EIS) em um artigo; *Athletic Identity Questionnaire* (AIQ) em um artigo; *Multidimensional Athletic Identity and Engagement Scale* (MAIES) em um artigo, e *Baller Identity Measurement Scale* (BIMS) em um artigo. O AIMS foi

apresentado de forma separada por ter sido aperfeiçoado em 2001. Contudo, o novo estudo apenas retirou alguns itens do instrumento, mantendo a mesma nomenclatura. Assim, ele é o instrumento mais utilizado, e, ao somar-se os dois AIMS, observa-se a predominância de sua utilização nos estudos.

Com base na leitura dos artigos selecionados, seis categorias foram criadas a partir do foco dado no objetivo de cada estudo. Dessa forma, a seguir são apresentadas as subcategorias/assuntos, e as principais conclusões dos achados em relação à grande temática identidade atlética.

1. Identidade Atlética e dimensões de carreira

As dimensões de carreira foram focalizadas por 14 artigos, demonstrando a preocupação dos pesquisadores com esse tema desde o início dos estudos de identidade atlética de universitários. Isto porque essa categoria engloba artigos de 1996 a 2018. É a única categoria que engloba artigos qualitativos, e os principais subtemas foram: maturidade, planejamento, exploração e engajamento de carreira, juntamente com questões e conflitos de identidade não apenas atlética.

Em geral, os estudos apontam que a identidade atlética é inversamente relacionada aos construtos de carreira, como maturidade profissional (Houle & Kluck, 2015) e otimismo na carreira (Tyrance, Harris, & Post, 2013), isto é, universitários que praticam esporte e apresentam elevada identidade atlética tendem enfrentar dificuldades no planejamento de carreira (Lally & Kerr, 2005). Em relação aos estudos sobre o encerramento da carreira atlética, ambos de cunho qualitativo, os principais resultados foram a exploração de novas identidades que tinham sido negligenciadas e abandonadas durante a carreira desportiva (Lally, 2007), e a dificuldade no processo de redefinição da

identidade “central” de ex-universitários atletas devido à presença ainda forte e exclusiva da identidade atlética (Beamon, 2012).

Todavia, ao contrário do que os estudos nessa categoria apontaram, o artigo mais recente de Bell, Prewitt, Bernhardt e Culpepper (2018) encontra associação positiva entre a identidade atlética e a exploração e engajamento da carreira. Apesar de contradizer a maioria das pesquisas, os autores apontam a existência de alguns outros estudos que se alinham a esse resultado obtido, indicando a necessidade de explorar mais estudos nessa direção que possam fornecer evidências da correlação positiva encontrada.

2. *Identidade Atlética e questões esportivas*

Essa categoria abrange 13 artigos, todos publicados na década de 2010, com predominância da origem estadunidense e da abordagem quantitativa. Contudo, destacam-se duas contribuições japonesas (Hagiwara & Isogai, 2014; Hagiwara, Kuroda, Oshita, Shimozone, & Matsuzaki, 2018) e outra que se utiliza de método misto, ou seja, quanti-qualitativo (Hilliard, Blom, Hankemeier, & Bolin, 2017).

A subcategoria participação esportiva apresenta artigos que relacionam a identidade atlética como preditora positiva da atividade física mesmo após a formatura (Reifsteck, Gill, & Brooks, 2013), e ainda com impacto e compromisso desta participação (Chen, Snyder, & Magner, 2010). As dimensões esportivas podem ser subcategorizadas como o compromisso e determinação esportiva (Hagiwara & Isogai, 2014; Hagiwara et al., 2018; Reifsteck et al., 2016), a conduta esportiva (Yukhymenko-Lescroart, 2018) e a satisfação com a carreira esportiva em relação à identidade atlética (Burns, Jasinski, Dunn, & Fletcher, 2012).

Além disso, outros artigos investigam contusões (Kroshus, Kubzansky, Goldman, & Austin, 2014; Wayment, Huffman, Lane & Lininger, 2019), reabilitação (Hilliard et

al., 2017), e em Huml, Hancock e Hums (2019) a identidade atlética é relacionada de acordo com os níveis de participação esportiva, comparando a intensidade da identidade atlética entre universitários estadunidenses das três categorias da NCAA.

3. Identidade Atlética e aspectos sociodemográficos

Foram 12 os artigos elencados nessa categoria, sendo um deles de abordagem teórica, e destacando-se a primeira contribuição, espanhola, dos demais estudos provenientes de instituições estadunidenses. As questões de cunho sociodemográfico estão predominantemente publicações da década de 2010, e podem ser subdividas em questões como etnia (N=5), gênero (N=4), normas, condutas sociais e estereótipos (N=3).

Nesse sentido, as pesquisas relativas à etnia discorrem e relacionam variáveis que compõem a identidade atlética sobre universitários afroamericanos que estudam em IES predominantemente compostas por estudantes brancos (Bimper & Harrison, 2011; Fuller, Harrison, & Bukstein, 2017) e apontam que a discriminação racial pode interferir negativamente nos resultados acadêmicos daqueles que a sofrem (Fuller, 2017). Em relação às questões de gênero, os estudos apontam que a identidade atlética se correlacionou positivamente com a masculinidade, e negativamente com a feminilidade (Lantz & Schroeder, 1999; Subijana, Barriopedro, & Sanz, 2015). Também foi investigada em relação ao conflito de papéis de gênero dentro de um time de futebol americano masculino (J.A. Steinfeldt, Steinfeldt, England, & Speight, 2009). O estudo encontrou três padrões distintos de respostas e concluiu que apesar dos estereótipos sociais, os jogadores de futebol americano universitário são um grupo diversificado de homens que definem sua masculinidade de maneira diferente.

Por fim, nos estudos sobre normas sociais e estereótipos, M. Steinfeldt e Steinfeldt (2012) apontam a influência da identidade atlética na conformidade com as regras

tradicionais masculinas em amostra masculina de futebol americano, enquanto o Grossbard et al. (2009) relacionam as normas sociais do meio atlético e acadêmico ao consumo de álcool de atletas universitários. O estudo aponta que os universitários que apresentam elevado nível de identidade atlética relataram níveis mais elevados de consumo de álcool durante a semana.

4. Instrumentos de medida da Identidade Atlética

Sete artigos tratam da operacionalização do construto de identidade atlética em instrumentos de medida. Dentro dessa categoria, os artigos foram organizados em dois grupos: os que pretendiam criar um instrumento para medir a identidade atlética (N=4), e aqueles que objetivam adaptar e encontrar evidências de validade de instrumentos já existentes para novas populações (N=3). Apenas um instrumento, direcionado aos estudantes universitários, foi publicado há mais de 10 anos (Brewer et al., 1993). Os outros seis foram publicados há menos de 10 anos, sendo que os três que se propõem a criar instrumentos são de autoria de pesquisadores provenientes dos EUA, enquanto os outros três que procuraram adaptar e validar instrumentos de identidade atlética já existentes são autoria de investigadores do Brasil, Grécia e Itália.

A proposta de criação desta categoria visa englobar outras dimensões, como a identidade acadêmica e a diferenciação pública e privada das universidades, compreendidas pelos autores como variáveis que precisam ser levadas em consideração no contexto universitário (Nasco & Webb, 2006; Yukhymenko–Lescroart, 2014). Por sua vez, a replicação de instrumentos em novas culturas por pesquisadores brasileiros, gregos e italianos, salvo a necessidade e importância de adaptações transculturais, pode estar relacionada ao pioneirismo estadunidense da definição e operacionalização do construto

estudado (Cabrita, 2014). É nesse sentido que dois estudos se propuseram a adaptar e validar o AIMS, enquanto o artigo italiano inovou no sentido de adaptar e validar o BIMS.

5. Identidade Atlética e questões acadêmicas

Os artigos reunidos nessa categoria são sete. As questões acadêmicas relacionadas ao construto identidade atlética permeiam desde a escolha do curso de ensino superior, à performance durante o curso e os interesses acadêmicos. Dentre as publicações, seis são de origem estadunidense, o que pode evidenciar a preocupação do país em estudar o papel acadêmico em relação à identidade atlética, uma vez que, por serem atletas universitários, espera-se que o papel de estudante seja um dos principais a serem desempenhados pelo indivíduo.

Os principais resultados apontam que universitários que praticam esportes com identidade atlética mais forte tendem a demonstrar menor rigor acadêmico (Foster & Huml, 2017; Melendez, 2009) e sugerem diferenças entre gêneros, em que atletas universitários do sexo masculino detêm maior identificação com o papel de atleta, enquanto as do sexo feminino se identificam mais com o papel acadêmico (Sturm et al., 2011).

A contribuição australiana de Van Rens et al. (2018), por sua vez, apresenta um resultado inconsistente com pesquisas conduzidas entre estudantes-atletas estadunidenses, como a de Sturm et al. (2011), visto que não foi encontrada associação significativa entre as identidades atlética e acadêmica. Uma vez que o sistema educacional estadunidense é diferente de outras partes do mundo (Van Rens et al., 2018), esse achado pode contribuir para uma discussão cultural acerca do esporte universitário nos diferentes países, evidenciando-se a necessidade de realizar estudos com o mesmo delineamento de pesquisa para além dos contextos já previamente explorados nos EUA.

6. *Identidade Atlética e dimensões psicológicas*

Os artigos compreendidos nessa categoria totalizam sete, e foram identificados a partir da relação entre a identidade atlética e estados de ânimo e percepção como autoestima, felicidade, bem-estar e *locus* de controle, e também mecanismos da cognição, no caso do artigo de Benson, Evans, Surya e Martin (2015). Constatou-se que as publicações a respeito de tais relações foram feitas a partir da década de 2010, sendo todas quantitativas.

Nessa categoria, encontra-se a primeira contribuição proveniente de autores da Coreia do Sul (Lee, Kang, & Kim, 2017), no conjunto dos artigos analisados, relacionando o construto principal com resiliência, satisfação de vida e stress. Além disso, a categoria destaca-se por ter três de sete artigos de autores do Reino Unido, todos em coautoria com pesquisadores provenientes de outros países.

Dois desses estudos compreendem a relação entre identidade atlética, aspectos psicológicos e o consumo de álcool, em coautoria com pesquisadores da Austrália (Zhou, Heim, & Levy, 2016; Zhou, Heim, & O'Brien, 2015), e o terceiro de Chang, Wu, Kuo e Chen (2018), em coautoria com pesquisadores de Taiwan, mensuram e relacionam a identidade atlética à flexibilidade psicológica e exaustão emocional.

Síntese dos achados

Em síntese, a análise dos 60 artigos proporcionou uma visão do que tem sido produzido sobre a temática da identidade atlética no contexto universitário. Para além disso, permitiu identificar que o construto foi recentemente definido em termos científicos, com a primeira contribuição datando de 1993, nos EUA. Dessa forma, a análise por categorias temáticas e lógicas trouxe o detalhamento do que já foi e vem sendo

estudado na contemporaneidade. O que cabe destacar, dentre tantas particularidades e relações da identidade atlética com outros construtos, é a predominância, de certa forma esperada, das contribuições de origem estadunidense. Isto porque, o esporte universitário dos EUA nasceu e persiste no modelo mercadológico pautado na competitividade e no alto rendimento, em que apenas os universitários com os melhores desempenhos conseguirão espaço para integrar o seleto espaço do universo esportivo universitário (Carvalho, 2015).

Contudo, nota-se que as publicações de outros países datam de um período mais recente, o que indica possivelmente a conscientização global da importância da temática no contexto universitário. Apesar desse fato, os estudos com essa temática em outros países continuam desproporcionais, ora porque são pautados em outros modelos de esporte, ora porque não têm o investimento necessário para alavancar o esporte no contexto universitário. No cenário brasileiro, por exemplo, a única contribuição encontrada na revisão sistemática da literatura (Silva et al., 2016), pode ser uma pista da tentativa de mostrar à comunidade científica que a temática é de interesse no país. Isso é reforçado por pesquisas mais recentes (C.G. Barbosa, 2014, 2017; Malagutti, 2015; Starepravo et al., 2010), que descrevem o esporte universitário brasileiro com um alto potencial de crescimento, mas com gestões amadoras e pouco financiamento.

Nesse sentido, tal desajuste pode refletir na baixa produção científica e na invisibilidade do potencial de estudos num âmbito mais geral da Psicologia do Esporte, e no mais específico relacionado à identidade atlética de universitários praticantes de esporte. Dado o exposto, algumas das questões principais foram focalizadas e parte constituinte do problema de pesquisa, como a adaptação de medidas já existentes que abarcam os dois construtos salientes em estudantes universitários que praticam esportes.

1.3 A EXPERIÊNCIA DE UNIVERSITÁRIOS QUE PRATICAM ESPORTE

A relação dos estudantes com a universidade é um processo multifacetado, construído dia a dia com as relações de troca entre as suas expectativas e necessidades, características e habilidades e a estrutura, normas e a comunidade que fazem parte da universidade. Como acredita-se que as identidades se formam em torno dos papéis-chave dos indivíduos (Erikson, 1987; Stryker & Burke, 2000), estudantes que praticam esporte na universidade provavelmente desenvolverão identidades acadêmica e atlética que se alinham com seus papéis nesses domínios (Van Rens et al., 2018).

Muitos estudos, como por exemplo, de Corrêa (2019), Meyer (1990), Miller e Kerr (2002) e Yukhymenko-Lescroart (2018) destacam os papéis e compromissos acadêmicos e atléticos de estudantes universitários que praticam esportes como atividades concorrentes na rotina. Dependendo do papel principal em que investem, uma dimensão pode se tornar preferida ou saliente em relação às demais (Lally, 2007).

Além disso, a trajetória desse grupo de universitários é permeada por conflitos e demandas específicas devido ao envolvimento extracurricular com o esporte (Wylleman, Lavallee, & Alfermann, 1999). Suas experiências no esporte universitário acrescentam diferentes significados ao processo de construção de carreira, quando comparados àqueles estudantes que não se envolvem com a prática esportiva durante o ensino superior, também denominados “não-atletas” (Kissinger, Newman, Miller, & Nadler, 2011).

Watt e Moore (2001) relacionam esse grupo específico de universitários praticantes de esportes à ênfase na saliência dos papéis, ao conceito de identidade e à perpetuação de estereótipos. Algumas vezes os atletas universitários, principalmente voltados ao alto rendimento, são retratados de um modo que pode afetar a forma como eles se veem tanto positiva quanto negativamente. Assim, eles podem se ver com dificuldade de identificação que talvez os forcem a escolher uma identidade, ou optar por

cumprir as atividades relativas às duas identidades, e assim nenhum dos dois papéis resulta eficaz (Martens & Lee, 1998). Por outro lado, alguns autores apontam que a prática esportiva ajuda o atleta a desenvolver uma identidade positiva e um caráter forte (Watt & Moore, 2001).

Há ainda teorias internacionais que propõem a tipologia dos universitários que praticam esporte a partir da saliência do papel. Marx, Huffmon e Doyle (2008), a partir da tipologia elaborada por Snyder (1985), identificam quatro tipos principais de estudantes-atletas com base nos compromissos com os papéis relativos aos estudos e aos esportes. O primeiro tipo, “atletas estudiosos” (*scholar-athletes*), está comprometido com papéis acadêmicos e atléticos. O segundo e terceiro tipo, “estudiosos puros” (*pure scholars*) e “atletas puros” (*pure athletes*), estão comprometidos exclusivamente com um dos papéis. E, por fim, o quarto tipo inclui “estudantes atletas” que não se comprometem com nenhum desses papéis.

Apesar dessa proposta, o método de coleta dos dados de Marx et al. (2008) não foi suficiente para captar todos os tipos propostos teoricamente por Snyder (1985), e então, estudos que caracterizam os universitários que praticam esporte a partir de dois principais tipos parecem mais coerentes: os que dão mais ênfase ao papel de atleta (“atleta universitário”), e aqueles que priorizam o papel de estudante, na perspectiva acadêmica (“universitário atleta”) (Watt & Moore, 2001; Yukhymenko-Lescroart, 2014, 2018).

Ainda que haja um referencial teórico rico na literatura internacional sobre a experiência dos estudantes universitários que praticam esporte, principalmente de origem estadunidense e pautada no alto rendimento, há contribuições discretas a respeito da definição desse grupo específico no Brasil. Em geral, o modelo nacional esportivo indica a existência de três manifestações distintas do esporte, que resulta na existência tanto de universitários que praticam esporte como forma de lazer, participando ou não de

campeonatos oficiais, englobando também aqueles que se aventuram a aprender uma modalidade, quanto de universitários com mais experiência esportiva, que, em alguns casos, recebem incentivos para a prática como patrocínios ou bolsas, e mais voltado ao alto rendimento (C.G. Barbosa, 2014, 2017; Corrêa, 2019; Fiochi-Marques et al., 2018; Toledo, 2007).

A partir da revisão da literatura apresentada anteriormente, foram observadas lacunas no que se refere a estudos sobre a temática, ou seja, a experiência do estudante universitário que pratica esporte a partir de sua relação entre os níveis identitários. Nesse sentido, a proposta da *Academic and Athletic Identity Scale* (AAIS), criada por Yukhymenko-Lescroart (2014), destaca-se no presente estudo. Apreender o grau de identificação desses estudantes com os papéis acadêmico e atlético, por meio de uma escala como a AAIS, pode colaborar com pistas de investigação mais aprofundadas no Brasil.

Além disso, ao mensurar os construtos das identidades acadêmica e atlética desse público específico, é possível contribuir com a oferta de um instrumento qualificado para mensuração, cujos dados podem fornecer pistas para intervenções em práticas de atendimento ao estudante e na efetivação de políticas internas, nas universidades, de estímulo à prática esportiva como contributo para o desenvolvimento integral do universitário e a promoção de saúde e de vínculos interpessoais. Por fim, estudos qualificados realizados com instrumentos validados podem contribuir com proposições que resultem em uma política nacional esportiva universitária.

PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

O esporte universitário tem a sua importância reconhecida em diversos países, haja vista a riqueza de produções científicas disponíveis na literatura. Contudo, o panorama no contexto brasileiro aponta divergências no que diz respeito ao suporte e à oferta de oportunidades para universitários se manterem praticando atividades esportivas e manter as duas identidades equilibradas. Nessa direção, a interação dos papéis e, de forma mais ampla, as trajetórias de estudantes universitários que praticam esporte encontra-se comprometida, uma vez que poderá ser guiada pela falta de possibilidades de conciliação das atividades.

Investigar o fenômeno de identidade atlética e acadêmica em universitários que praticam esporte pode contribuir com o fortalecimento do vínculo entre esporte e a educação, haja vista o número preocupante de evasão nas IES brasileiras⁷ (Carvalho, 2015). Essa necessidade recentemente tem sido verificada por meio de políticas internas de estímulo à prática esportiva, como o caso da Universidade de São Paulo (USP), que há dois anos criou sua primeira e maior disciplina intitulada “Esporte na Graduação: da Teoria à Prática I” (Affonso, 2017). De acordo com os professores, dentre diversos benefícios, a disciplina tem como estratégia utilizar o esporte como ferramenta para unir estudantes de diferentes institutos, dar a oportunidade do convívio com as diferenças, promover a atividade física no âmbito universitário, ajudar os estudantes a gerir melhor as atividades físicas que realizam e auxiliar na redução da evasão.

Destaca-se também a preocupação verificada pela Universidade de Brasília, que com o apoio do Ministério do Esporte, em 2013, organizou um seminário intitulado “Dupla jornada do Atleta Universitário”. Nesse evento vários representantes esportivos

⁷ <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacao-superior>

internacionais apresentaram modelos e formas de compatibilizar a vida esportiva com os estudos para idealização de um modelo brasileiro⁸. Ainda, de acordo com o Diagnóstico Nacional do Esporte (2013)⁹, um amplo estudo encomendado pelo Governo Federal, 71,8% dos brasileiros abandonam a prática esportiva até os 24 anos (26,8% até os 15 anos e 45% dos 16 aos 24 anos), coincidindo com o período escolar. Além disso, quase 70% dos abandonos foram por falta de tempo, dedicados a outras prioridades, como o estudo, indicando que a interrupção do esporte, de um modo geral, pode significar ausência de cuidado com a saúde, ou convergência para as tarefas acadêmicas (e. g. prazos, datas de provas) e a construção principal da identidade acadêmica.

Desta forma, este estudo adquire relevância científica e prática, uma vez que visa contribuir para o avanço na produção do conhecimento sobre o construto identidade relacionado aos papéis acadêmico e atlético. Ademais, o diálogo na interface da Psicologia com as Ciências do Esporte gerará contributos para a intervenção ao disponibilizar uma ferramenta de diagnóstico, assim como poderá oferecer pistas para políticas públicas, no apoio para a construção de estratégias de compatibilização da vida esportiva com os estudos, levando em consideração as diferentes manifestações da prática esportiva no âmbito universitário.

A partir da revisão da literatura, nota-se que os conceitos de identidade acadêmica e atlética podem ser compreendidos como o grau de identificação de um indivíduo em relação aos papéis de estudante/acadêmico e de atleta/esportista. Para tanto, a expectativa com esta pesquisa foi a de trazer ao contexto brasileiro um estudo inicial sobre as relações entre as duas identidades principais de estudantes de nível superior que praticam esporte, por meio da adaptação transcultural e de evidências de validade de uma escala que

⁸ <http://esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/45715-representantes-esportivos-de-varios-paises-discutem-dupla-jornada-do-atleta-na-universidade>

⁹ <http://www.esporte.gov.br/diesporte/2.html>

contempla tais construtos, a *Academic and Athletic Identity Scale* (AAIS), possibilitando o pioneirismo para fins diagnósticos na temática.

3. VARIÁVEIS DA PESQUISA

As variáveis em estudo foram embasadas nos referenciais teóricos apresentados anteriormente, bem como nas contribuições metodológicas dos autores das escalas utilizadas. Para fins dessa pesquisa, foram consideradas as variáveis expressas na Figura 4. As variáveis dependentes são as relativas aos fatores apresentados por meio dos instrumentos de medida utilizados, tanto da escala principal (AAIS), quanto das escalas utilizadas para apresentar evidências de validade convergente e discriminante (Escala de Identidade Profissional – EIP-Br, e Escala *Flourishing* – EF). As variáveis independentes, por sua vez, compreendem a intencionalidade da prática dos participantes, obtidas a partir dos dados sociodemográficos coletados, e utilizadas para apresentação de evidência de critério.

Fonte: Elaborada pela autora
 Figura 4. Variáveis da pesquisa

4. MÉTODO

4.1 PARTICIPANTES

Foi utilizada uma amostra de conveniência, uma vez que a disponibilidade e a facilidade de acesso aos participantes foram utilizadas como critérios de seleção amostral. No total, 11 participantes colaboraram na primeira etapa de adaptação da AAIS, a tradução dos itens do instrumento original em inglês para o português. Desses, seis eram professores, pesquisadores, e integrantes de grupos de pesquisa ligados à temática estudada e à psicometria, e cinco eram parte do público-alvo do estudo.

Na etapa de validação, 307 estudantes universitários que praticavam esportes responderam ao questionário. Como critérios de inclusão na amostra, foram definidos: (a) ser estudante universitário; (b) estar matriculado em uma IES brasileira, ao nível de graduação ou pós-graduação; (c) ter participado de ao menos uma competição esportiva oficial e/ou oficiosa. Não houve restrição sobre a natureza da IES (pública ou privada), curso, tempo de curso, sexo e modalidades esportivas. Contudo, quatro participantes foram desconsiderados da amostra final por não atenderem aos critérios de inclusão da pesquisa, dado as suas experiências esportivas se limitarem ao período anterior do ingresso no ensino superior e/ou não estarem matriculados em uma IES. Dessa forma, a amostra final foi composta por 303 estudantes universitários praticantes de esporte.

A meta mínima de participantes do estudo de validação foi calculada a partir das análises estatísticas pretendidas no estudo. No caso, para comparações entre dois grupos, sobre a intencionalidade da prática (lazer ou alto rendimento), foram necessários pelo menos 100 participantes de cada grupo, tendo como meta o número de 200 respondentes. O cálculo foi realizado por meio do software GPower, tendo em vista as análises estatísticas a realizar.

Para a caracterização do perfil de participantes, o *software* JASP 0.8.5.1 foi utilizado. A Tabela 3 apresenta as variáveis analisadas e os respectivos resultados da frequência e porcentagem. A pesquisa contou com a participação final de 303 estudantes universitários com idade entre 17 e 51 anos ($M=23,33$; $DP=4,605$), dos quais 52,5% são do sexo feminino, e 49,8% são do nível socioeconômico B, conforme classificação da ABEP, seguido do nível A (30%). Além disso, 90,8% dos participantes declararam-se solteiros, 53,1% moram com a família de origem, 94,7% apresentam boa e muita identificação com o curso. Ao concluí-lo, 82,8% pretendem atuar na área de formação, 83,2% participam de uma ou mais atividade extracurricular, e 51,5% declararam nunca ter recebido bolsa auxílio de qualquer caráter, durante o ensino superior.

Os dados sociodemográficos indicam que a maior parte da amostra é composta de estudantes de graduação (79,9%), da área de Ciências da Saúde, de ensino superior público (66,3%) e da região sudeste (64,7%). Em relação às informações esportivas, a maior parte dos respondentes praticam intencionalmente esporte por lazer (63%) e as modalidades de quadra mais praticadas são futebol (19,8%), handebol (18,8%), basquete (11,6%) e vôlei (11,2%), respectivamente. Ainda, 77,2% da amostra se autodeclarou mais identificada com o papel de estudante/acadêmico, do que com o de esportista/atleta, 64% classificaram seu envolvimento esportivo atualmente como amador, 26,7% como semiprofissional e 9,2% profissional. Por fim, a média de tempo que os participantes praticam esporte é 12 anos, com tempo mínimo de seis meses e máximo de 45 anos.

Tabela 3

Informações sociodemográficas dos participantes

Variável	Fatores	Frequência	Porcentagem
Sexo	Feminino	159	52.5%
	Masculino	144	47.6%
Estado Civil	Solteiro/a	275	90.8%
	Casado/a	19	6.3%
	União Estável	6	2%
	Divorciado/a	3	1%
Continua			

Continuação

Variável	Fatores	Frequência	Porcentagem
Nível Socioeconômico	A	91	30%
	B	151	49,8%
	C	59	19,5%
	D-E	2	0,6%
Moradia	Família de origem	161	53.1%
	Parceiro e/ou filhos	26	8.6%
	Amigos/República/Alojamento	80	26.4%
	Sozinho	36	11.9%
Escolaridade	Graduação	242	79.9%
	Pós-Graduação (Mestrado)	42	13.9%
	Pós-Graduação (Doutorado)	17	5.6%
	Pós-Graduação (Especialização)	2	0.7%
Natureza IES	Pública	201	66.3%
	Privada	102	33.7%
Região IES	Sul	34	11.2%
	Sudeste	196	64.7%
	Centro-Oeste	19	6.3%
	Norte	16	5.3%
	Nordeste	38	12.5%
Área do Curso	Ciências Exatas e da Terra	24	7.9%
	Ciências Biológicas	8	2.6%
	Engenharias	24	7.9%
	Ciências da Saúde	142	46.9%
	Ciências Agrárias	18	5.9%
	Ciências Sociais Aplicadas	47	15.5%
	Ciências Humanas	39	12.9%
	Linguística, Letras e Artes	1	0.3%
Identificação Curso	Nenhuma Identificação	0	0%
	Pouca Identificação	16	5.3%
	Boa Identificação	114	37.6%
	Muita Identificação	173	57.1%
Pretensão de atuação ao concluir curso	Atuar na área de formação	251	82.8%
	Investir profissionalmente no esporte	27	8.9%
	Atuar em outra área, diferente da sua formação	21	6.9%
	Outros	4	1.3%
Bolsa de Auxílio	Sim	147	48.5%
	Não	156	51.5%
Atividade Extracurricular	Sim	252	83.2%
	Não	51	16.8%
Papel Social Autodeclarado	Papel de Estudante/Acadêmico	234	77.2%
	Papel de Atleta/Esportista	69	22.8%
Intencionalidade da Prática	Alto Rendimento	112	37%
	Lazer	191	63%

Continua

Conclusão

Variável	Fatores	Frequência	Porcentagem
Modalidade	Atletismo	23	7.6%
	Basquete	35	11.6%
	Bodybuilding	1	0.3%
	Capoeira	1	0.3%
	Cheerleading	3	1.0%
	Crossfit	4	1.3%
	Dança	2	0.7%
	Fisiculturismo	2	0.7%
	Futebol	60	19.8%
	Futsal	11	3.6%
	Ginástica Artística/Rítmica	4	1.3%
	Handebol	57	18.8%
	Jiu-Jitsu	2	0.7%
	Judô	5	1.7%
	Karate	3	1.0%
	Kung Fu	1	0.3%
	Muay Thai	1	0.3%
	Musculação	5	1.7%
	Natação	24	7.9%
	Peteca	2	0.7%
	Pilates	2	0.7%
	Powerlifting	1	0.3%
	Rúgbi	7	2.3%
	Saltos ornamentais	1	0.3%
	Softbol	1	0.3%
	Surf	1	0.3%
	Taekwondo	2	0.7%
	Tênis de campo	2	0.7%
	Tênis de mesa	5	1.7%
	Vôlei	34	11.2%
	Xadrez	1	0.3%
Envolvimento Esportivo	Amador	194	64%
	Semiprofissional	81	26.7%
	Profissional	28	9.2%
Tempo de Prática	Menos de 1 ano	1	0.3%
	1 a 5 anos	51	16.8%
	6 a 10 anos	78	25.7%
	Mais de 10 anos	170	56.1%
	Não responderam	3	1%

4.2 INSTRUMENTOS DE MEDIDA

Para a obtenção de dados, foram utilizados quatro instrumentos, sendo um questionário sociodemográfico e três escalas de autorrelato do tipo *likert*, detalhados a seguir.

4.2.1 Questionário Sociodemográfico (APÊNDICE A)

Os dados sociodemográficos foram coletados nesse questionário com o objetivo de caracterizar a amostra. Para tanto, o questionário foi organizado em três partes: (a) identificação; (b) dados escolares; (c) informações esportivas. As informações reuniram variáveis como sexo, idade, nível socioeconômico - incluindo o Critério de Classificação Econômica Brasil do ano de 2015 realizado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)¹⁰, grau de escolaridade, curso, natureza da IES, nível de participação esportiva, modalidade e campeonatos disputados.

4.2.2 *Academic and Athletic Identity Scale* (ANEXO A E B)

A AAIS foi originalmente desenvolvida por Yukhymenko-Lescroart (2014) com o objetivo de mensurar a identidade acadêmica e atlética de indivíduos. É a escala principal deste estudo, e está disponível no ANEXO A. O. Para fins deste estudo, a autorização para utilizar a escala em amostras brasileiras foi concedida pela autora e está disponível no ANEXO B.

Em termos psicométricos, a análise fatorial confirmatória realizada no modelo de validação de dois fatores com 11 itens apresentou índices de ajustamento muito bons, com $X^2 (43, N= 596) = 93,56, p < .001$, CFI = .976, TLI = .969, RMSEA = .044, 90% CI (.032, .057), SRMR = .026. As cargas fatoriais padronizadas foram significativas para todos os 11 itens e na faixa de 0,77 a 0,93 para identidade acadêmica e de 0,75 a 0,89 para identidade atlética. Os coeficientes ômega foram de 0,93 e 0,93 para a identidade acadêmica e atlética, respectivamente, indicando um bom ajuste geral do modelo, bem como confiabilidade adequada. A correlação entre os fatores que representam as

¹⁰ Disponível no site <http://www.abep.org/>

subescalas de identidade acadêmica e atlética foi $r(594) = .44$, $p < .001$ (Yukhymenko-Lescroart, 2014).

Em um posterior estudo sobre a mesma escala feito por MacNab (2015), com 103 estudantes praticantes de esporte universitário em modalidades coletivas, a estrutura de dois fatores da escala foi apoiada pela análise fatorial confirmatória. Além disso, a pesquisa forneceu evidências de validade e confiabilidade satisfatórias. As estimativas de consistência interna para a AAIS foram calculadas usando os valores de Alfa de Cronbach, apresentando um valor de $\alpha = .920$ para a identidade acadêmica e $\alpha = .927$ para identidade atlética.

No estudo de Van Rens et al. (2018), que objetivou examinar as identidades acadêmicas e atléticas de estudantes-atletas australianos, 86 participantes de várias modalidades compuseram a amostra, cujos dados foram analisados por meio da análise fatorial confirmatória dessa mesma escala. Os resultados apontam para evidências de validade e confiabilidade também satisfatórias, com $\alpha = 0,91$ e $\alpha = 0,90$ respectivamente para identidade acadêmica e atlética.

4.2.3 Escala de Identidade Profissional (ANEXO C)

A Escala de Identidade Profissional foi desenvolvida originalmente, na Inglaterra, por Adams, Hean, Sturgis e Clark (2006), com o objetivo de avaliar o nível de identidade profissional de estudantes que fazem formação profissional. Testes de confiabilidade evidenciaram razoável precisão da escala, correspondendo ao Alfa de Cronbach de .79. A escala é considerada uma medida unidimensional, sendo composta por nove itens. As opções de respostas para os itens estão de acordo com uma escala *likert* com graus de anuência variando de 1 - Não muito a 5 - Sempre. Para a população brasileira, a escala (EIP-BR-Br) foi adaptada por Rossi (2016), sendo composta por seis itens e apresenta

bons índices de ajustamento ($\chi^2 = 23,425$ $p = 0,003$; $\chi^2/\text{gl} = 2,928$; CFI=0,974; RMSEA=0,098). Por sua vez, o índice de consistência interna apresenta o valor de $\alpha = .83$.

4.2.4 Escala *Flourishing* (ANEXO D)

A Escala *Flourishing* é uma medida de oito itens, a qual foi desenvolvida por Diener et al. (2010). Ela tem por objetivo medir o sucesso/desenvolvimento autopercebido dos indivíduos em áreas importantes como relacionamentos, autoestima, propósito e otimismo. Trata-se de uma escala de tipo *likert* que varia de 1- discordo totalmente a 5- concordo totalmente. Para o contexto brasileiro, a escala de *Flourishing* (EF) foi adaptada por Fonseca, Nascimento, Barbosa, Vione e Gouveia (2015), e continua apresentando oito itens. Os índices de ajustamento da escala são $\chi^2/\text{gl} = 2,66$; GFI=0,93; CFI= 0,92; RMSEA=0,09; SRMR = 0,05, e de consistência interna $\alpha = .73$

4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foi estruturado um formulário *online* via *Google Forms*. A aplicação virtual dos instrumentos é justificada pelas vantagens da utilização desta estratégia na contemporaneidade, como por exemplo a possibilidade de maior abrangência de participantes (Faleiros et al., 2016; Wachelke, Natividade, Andrade, Wolter, & Camargo, 2014). O formulário, inicialmente apresentou os objetivos da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), o Termo de Autorização de Inclusão em Banco de Dados (APÊNDICE C) e os cuidados éticos da pesquisa. Somente após o aceite dos termos os participantes obtinham acesso ao questionário sociodemográfico e aos demais instrumentos da pesquisa, descritos anteriormente, podendo desistir a qualquer momento.

Inicialmente foi realizado um estudo piloto para verificação da clareza das instruções e do tempo dedicado à resposta aos instrumentos, com voluntários do grupo de pesquisa. Além disso, o estudo piloto teve por intuito verificar a compreensão das mensagens e dos termos de consentimento livre e esclarecido e de autorização para banco de dados no formato virtual.

Após o estudo piloto, foi iniciada a divulgação para a coleta de dados. Foi enviado o *link* de acesso ao formulário para os endereços eletrônicos de Instituições de Ensino Superior do Brasil, de professores e possíveis colaboradores ligados ao esporte universitário, bem como divulgado por meio de redes sociais. Foi utilizada também a estratégia “bola de neve”, solicitando aos participantes que encaminhassem o convite para conhecidos que atendiam aos pré-requisitos de público-alvo da pesquisa. A coleta de dados foi realizada por quase dois meses, com início em 17/04/2018 e término em 15/06/2018.

Para evitar a omissão de respostas, todas as perguntas eram obrigatórias, isto é, os participantes só conseguiam terminar a resposta ao questionário se tivessem respondido a todas as questões. Assim, os dados dos formulários concluídos foram enviados automaticamente a uma base de dados acessada apenas pela pesquisadora.

4.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Após a conclusão da coleta, foram iniciadas as análises dos dados. Inicialmente, os dados foram transferidos do *Google Forms* via planilha de excel, e codificados para que pudessem ser lidos pelo *Software Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) versão 23. Após a inserção dos dados no programa, prosseguiu-se para a avaliação do poder discriminativo dos itens baseada na análise da distribuição da percentagem de respostas pelas alternativas propostas em cada escala.

Os itens que reuniam uma percentagem superior a 80% em qualquer das alternativas de resposta, individualmente consideradas, seriam objeto de apreciação e possível eliminação. Porém, neste estudo, em nenhum item se observou uma percentagem de respostas acima de 80% em qualquer das alternativas de resposta. Este procedimento não conduziu, assim, à eliminação de qualquer item. Além disso, houve a necessidade de inverter o valor de um item da Escala de Identidade Profissional, uma vez que estava na negativa, apontando na direção oposta aos outros itens. Em seguida, foi realizada a análise fatorial confirmatória das três escalas utilizadas por meio do *Statistical Package for the Social Science – AMOS for Windows*, com base nos fatores estabelecidos nos estudos anteriores da criação das medidas, a fim de avaliar as suas qualidades psicométricas.

Como critério inicial de manutenção dos itens da escala foi considerada a existência de uma carga fatorial igual ou superior a 0.40. O ajustamento dos modelos testados aos dados recolhidos foi avaliado por índices de modelos de equações estruturais: a estatística do χ^2 , que compara a matriz de variância-covariância implícita no modelo com a matriz de variância-covariância observada nos dados; o índice comparativo do ajustamento *Comparative Fit Index* (CFI), que compara o modelo especificado com um modelo nulo sem trajetórias ou variáveis latentes; *Goodness of Fit Index* (GFI), a raiz do erro quadrático médio de aproximação, *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), que compara a matriz de variância-covariância implícita no modelo com a matriz de variância-covariância observada nos dados, ajustada para o tamanho da amostra e para a complexidade do modelo, e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR).

De acordo com pesquisadores de medidas (Bentler, 1990; Kline, 2011; Schermelleh-Engel, Moosbrugger, & Muller, 2003), um bom ajustamento é representado por um valor de χ^2/gl inferior a três, um CFI e GFI maior ou igual 0,90 e um RMSEA de 0,08 ou inferior. Além disso, também foi verificada a medida de média dos resíduos

normalizados (SRMR), semelhante ao RMSEA e para o qual valores de 0,08 ou abaixo são considerados aceitáveis (Schermelleh-Engel et al., 2003). Devido ao fato de o índice de χ^2 poder não se encontrar ajustado ao tamanho da amostra ou à complexidade do modelo, em modelos mais complexos um valor de χ^2/gl superior a três pode não ser problemático desde que o CFI e o RMSEA indiquem um ajustamento adequado (Keith, 2006). De forma a avaliar a confiabilidade dos fatores dos instrumentos, foi aferida a consistência interna das dimensões fatoriais por meio da Confiabilidade Composta (CC), da Variância Extraída Média (VEM) e do Alfa de Cronbach (α).

Hair, Babin, Money e Samouel (2006) sugerem que a CC deve ser usada com a VEM para abordar a tendência do α de minimizar a confiabilidade. A VEM mede a quantidade de variância capturada pelo construto em relação à quantidade de variância explicada pelo erro de medição. Para que CC e VEM sejam considerados valores adequados, devem apresentar respectivamente valores de 0,7 e 0,5 ou superiores (Hair et al., 2006; Maroco, 2011; Nunnally & Bernstein, 1994).

Após realizadas essas etapas, foram criadas as variáveis de estudo de cada construto, identidade acadêmica (IAc), identidade atlética (IAt), identidade profissional (IP) e flourishing (FI), no SPSS, de forma a poder utilizá-las para as próximas análises. Após a criação das variáveis e decisão pela limpeza dos dados, foi verificada ainda a normalidade e existência de casos extremos, e não houve a necessidade de eliminação de casos, uma vez que o valor dos índices de assimetria e curtose estavam dentro do padrão estabelecido (abaixo de ± 2) (George & Mallery, 2010).

A fim de aferir a validade convergente e discriminante, foram realizadas correlações entre a AAIS-Br e os outros dois instrumentos de medida: Escala de Identidade Profissional e Escala *Flourishing*. Além disso, dada a existência de correlações entre as variáveis, para aferir validade de critério, foi realizada uma análise

multivariada de variância (MANOVA) entre as variáveis dependentes do instrumento adaptado e a variável independente de intencionalidade da prática esportiva (lazer e alto rendimento).

4.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Para a execução do estudo, foram considerados os cuidados éticos preconizados pela Resolução 466/12 e 510/16 do Ministério da Saúde, conforme Manual de Ética em Pesquisa com humanos do Conselho Nacional de Saúde, bem como as condutas éticas referentes à obtenção, análise e divulgação dos dados para além das normativas previstas.

Nessa direção, o projeto foi condicionado à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Após sua aprovação sob o protocolo de número 80891817.0.0000.5407 (ANEXO E), o *link* com o formulário para coleta de dados foi disparado por meio de redes sociais, e-mails de instituições de ensino superior e de professores.

Para ter acesso à pesquisa na íntegra e aos instrumentos, a aceitação voluntária dos participantes e/ou de seus representantes legais foram condicionadas à concordância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) e do Termo de Assentimento de Inclusão em Banco de Dados (APÊNDICE C), expressas virtualmente na página inicial do formulário.

5. RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados relativos à adaptação e validação da AAIS-Br para a população universitária brasileira. De forma a facilitar a leitura, a discussão dos resultados será apresentada em uma nova seção, imediatamente a seguir.

5.1 ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA AAIS

Para ser utilizada no contexto brasileiro, a AAIS passou por um processo de adaptação transcultural, tendo-se seguido as diretrizes e considerações de Borsa, Damásio e Bandeira (2012). Nesse sentido, as etapas contempladas no processo foram: (a) diferentes versões traduzidas do instrumento do idioma de origem (inglês) para o idioma-alvo (português-Brasil); (b) síntese das versões traduzidas; (c) avaliação da síntese por juízes *experts*; (d) tradução reversa; (e) avaliação do instrumento pelo público-alvo. Tais etapas foram seguidas com o objetivo principal de atingir as quatro áreas de equivalência propostas pelos autores, por serem critérios mais abrangentes do que a simples tradução do instrumento.

De acordo com Borsa et al. (2012), as quatro áreas de equivalência que devem ser avaliadas são: equivalência semântica (analisar se as palavras apresentam o mesmo significado, se o item apresenta mais de um significado e se existem erros gramaticais na tradução), idiomática (verificar se os itens de difícil tradução foram adaptados por uma expressão equivalente que não tenha mudado o significado cultural do item), experiencial (observar se determinado item é aplicável na nova cultura e, em caso negativo, substituir por algum item equivalente) e conceitual (determinar se determinado termo ou expressão, mesmo que traduzido adequadamente, avalia o mesmo aspecto em diferentes culturas).

Em um primeiro momento, a permissão do uso do instrumento para fins desta pesquisa foi solicitada junto a autora da AAIS, Mariya A. Yukhymenko-Lescroart, atual pesquisadora da Universidade Estadual da Califórnia, EUA. Para tanto, foi enviado um *e-mail* cuja devolutiva com a concessão do uso do instrumento encontra-se no ANEXO B. A versão adaptada da *Academic and Athletic Identity Scale* (AAIS) na presente

pesquisa para o contexto brasileiro é então nomeada Escala de Identidade Acadêmica e Atlética, versão brasileira (AAIS-Br).

A primeira etapa da adaptação do instrumento contemplou as traduções. Inicialmente foram elaboradas duas versões do inglês para o português, realizadas por dois pesquisadores bilíngues e mestres em Psicologia, ligados à área de Psicologia do Esporte e Psicometria. Em um segundo momento, a síntese das versões traduzidas foi realizada pela pesquisadora autora deste estudo, bilíngue e familiarizada com a temática.

Então a avaliação da síntese foi feita seguidamente por dois juízes pesquisadores bilíngues, doutores e professores, experts em Psicometria, com publicações científicas sobre estudos de validade. Nessa etapa, foram enviadas a eles as instruções sobre as quatro áreas de equivalência que deveriam avaliar. Além de pequenos ajustes nas instruções de preenchimento da escala, houve alterações principalmente nas formas nominais dos verbos de cada item e substituição de palavras por outras com maior equivalência semântica, conforme a Tabela 4.

Tabela 4

Reformulação dos itens da AAIS-Br

N	Item antes do parecer	Item reformulado
1	Sou um aluno capaz.	Ser um (a) aluno (a) competente.
2	Estou satisfeito com meus estudos.	Estar satisfeito (a) com meu trabalho acadêmico.
3	Tenho um bom desempenho na faculdade.	Ter um bom desempenho acadêmico.
4	Tiro boas notas.	Obter notas boas.
5	Tenho uma média de notas alta no curso.	Ter média de notas alta.
6	Sou um atleta capaz.	Ser um (a) atleta competente.
7	Sou um bom atleta.	Ser um (a) bom (a) atleta.
8	Sou atlético.	Ser atlético (a).
9	Tenho orgulho em ser um atleta.	Ter orgulho de ser um (a) atleta.
10	Estou satisfeito com minhas conquistas esportivas.	Estar satisfeito (a) com minhas conquistas esportivas.
11	Tenho um bom desempenho nas competições esportivas.	Ter um bom desempenho nas competições esportivas.

Fonte: Elaborada pela autora

Assim, a primeira versão do instrumento foi submetida à retro-tradução dos itens para a língua inglesa, visando avaliar em que medida a versão traduzida refletia o conteúdo de cada item, conforme a versão original propõe. Tal etapa foi realizada por um pesquisador bilíngue, professor e pós-doutor em Psicologia, *expert* em Psicometria. Apesar desse procedimento não pressupor que os itens devam se manter literalmente igual ao original, e sim manter a equivalência conceitual, nenhuma alteração foi sugerida.

Nesse sentido, a versão refinada foi aplicada a uma pequena amostra do público-alvo, com cinco estudantes universitários envolvidos com esporte em qualquer nível, de lazer ao alto rendimento. A partir de suas considerações, foi acrescentado um número junto à legenda para facilitar a visualização da escala no formulário *online*, em ordem crescente ao quanto se identificavam com frases contidas em cada item. Assim, o respondente deve indicar o quanto cada uma das características descritas em cada item é central a quem ele realmente é, a partir da escala *likert*: (1) não central, (2) um pouco central, (3) quase central, (4) central, (5) muito central, (6) extremamente central, e (7) o núcleo central. Para uma compreensão mais clara, a versão final da AAIS-Br está disponível no APÊNDICE D.

5.2 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DA AAIS-BR

Análises Fatoriais da Escala de Identidade Acadêmica e Atlética (AAIS-Br)

Inicialmente, foi realizada a Análise Fatorial Exploratória (AFE) na AAIS-Br com recurso ao *software* SPSS AMOS versão 22 para verificar o agrupamento dos dados. De acordo com os resultados, os dados se agruparam em dois grupos, conforme proposto pela autora do instrumento original, sendo eles Identidade Acadêmica e Identidade Atlética.

Com o intuito de confirmar a adequação da estrutura fatorial, realizou-se então a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) da AAIS-Br, no mesmo *software*. Após a análise,

os dois fatores existentes foram mantidos no presente estudo. A adequação do modelo foi verificada por meio dos índices de ajustamentos qui-quadrado sobre graus de liberdade (χ^2/gl), *Comparative Fit Index* (CFI), *Goodness of Fit Index* (GFI), *Root Mean Square Error of Apoximation* (RMSEA) e *Standardized Root Mean Residual* (SRMR). Inicialmente, o modelo apresentou índices não satisfatórios: $\chi^2/\text{gl} = 9,501$ ($p = ,000$); CFI = ,898; GFI = ,785; RMSEA = ,168; SRMR = ,0474.

Assim, a partir dos índices de modificação (MI) indicados pelo *software* SPSS-AMOS, foram sugeridas correlações de erros com maiores valores, afim de verificar possíveis melhorias nos resultados. Após apreciação de sua congruência teórica, tais sugestões foram implementadas, tendo-se procedido à correlação dos erros dos itens 4 e 5 pertencentes ao fator Identidade Acadêmica, e entre os erros dos itens 1 e 2, e itens 5 e 6 pertencentes ao fator Identidade Atlética. Com a introdução das referidas correlações, foram obtidos bons índices de ajustamento: $\chi^2/\text{gl} = 2,506$ ($p = ,000$); CFI = ,947; GFI = ,981; RMSEA = ,071; SRMR = ,04, conforme ilustra a Figura 5. Tais resultados confirmam a estrutura fatorial original da escala.

Figura 5. Modelo final AFC da AAIS-Br

Validade Convergente e Discriminante

A fim de apresentar evidências de validade convergente e discriminante da AAIS-Br, foram utilizados dois outros instrumentos: EIP-Br e EF. Para dar continuidade às análises, foi necessário fazer a inversão do segundo e terceiro item da EIP-BR (“às vezes me sinto inseguro (a) ao dizer que estudo para essa profissão” e “eu me vejo criando desculpas por estudar para essa profissão”), uma vez que estavam na negativa, isto é, apontando na direção oposta a todos os demais itens das três escalas utilizadas. Isto feito, então iniciaram-se as análises de confiabilidade. Assim, para obter evidências de validade propostas, foram realizadas AFCs nos outros dois instrumentos do estudo (EIP-BR e EF). A AFC realizada para a EF confirmou a estrutura original do instrumento com bons índices de ajustamento: $\chi^2/\text{gl} = 2,771$ ($p = ,000$); CFI = ,958; GFI = ,959; RMSEA = ,077; SRMR = ,0381.

Já o primeiro modelo da EIP-Br apresentou maus índices de ajustamento, sendo eles $\chi^2/\text{gl} = 6,269$ ($p = ,000$); CFI = ,878; GFI = ,747; RMSEA = ,180; SRMR = ,0574. Após esta análise, observou-se que o item 3 apresentava uma carga fatorial muito baixa ($<.40$), o que ocasionou sua eliminação do modelo. Dessa forma, os índices de ajuste tornaram-se muito bons: $\chi^2/\text{gl} = 1,228$ ($p = ,293$); CFI = ,998; GFI = ,992; RMSEA = ,027; SRMR = ,0226.

De modo a avaliar a consistência interna dos fatores, foram aferidos os índices de confiabilidade das escalas por meio do Alfa de Cronbach (α), da Confiabilidade Composta (CC) e da Variância Média Extraída (VEM). Todos os fatores apresentaram bons índices de confiabilidade: Identidade Acadêmica ($\alpha = 0,947$; CC = 0,944; VEM = 0,771), Identidade Atlética ($\alpha = 0,946$; CC = 0,942; VEM = 0,732), Identidade Profissional (IP; $\alpha = 0,811$; CC = 0,827; VEM = 0,507), *Flourishing* (FI; $\alpha = 0,860$; CC = 0,863; VEM = 0,442).

A partir das estatísticas de confiabilidade, não houve a necessidade de exclusão de nenhum item. Nesse sentido, foi possível criar as variáveis dos quatro fatores no SPSS para explorar as estatísticas descritivas, conforme mostra a Tabela 5.

Tabela 5
Estatísticas descritivas do estudo

	IAc	IAt	Fl	IP
Média	4,644	4,663	3,950	3,971
Desvio-Padrão	1,472	1,605	,672	,846
Variância	2,168	2,576	,451	,715
Amplitude	5,80	6,00	4,00	4,00
Assimetria	-,284	-,354	-,936	-,860
Curtose	-,830	-,872	1,589	,398

Para analisar a normalidade dos dados, foi realizado o teste de Shapiro-Wilk. Conforme apresenta a Tabela 6, a distribuição para cada uma das variáveis criadas não é normal. Contudo, baseando-se nos valores da assimetria e da curtose, (abaixo de +- 2) (George & Mallery, 2010), podemos considerar que não existem desvios significativos à normalidade da distribuição dos dados. Dessa forma, não existem violações graves. Mantendo as variáveis de acordo com o que foram criadas, a seguir são apresentadas as correlações entre elas.

Tabela 6
Teste Shapiro-Wilk

	Estatística	gl	Sig.
IAc	,968	303	,000
IAt	,955	303	,000
Fl	,949	303	,000
IP	,925	303	,000

Conforme apresenta a Tabela 7, as análises realizadas evidenciam que a Identidade Acadêmica está correlacionada com *Flourishing* e Identidade Profissional. Por outro lado, a Identidade Atlética não está correlacionada com *Flourishing* e Identidade

Profissional. Por último, é observada ainda uma correlação entre Identidade acadêmica e Identidade atlética. Tanto o flourishing como a identidade profissional funcionaram como teste de validade convergente para a identidade acadêmica, e teste de validade discriminante para identidade atlética.

Tabela 7
Correlações de Pearson

	IAc	IAt	FI	IP
IAc	-			
IAt	0.205***	-		
FI	0.269***	0.097	-	
IP	0.354***	0.074	0.405***	-

*p< ,05, **p< ,01, *** p< ,001

Validade de critério

A fim de detectar possíveis efeitos da variável *intencionalidade da prática esportiva* (lazer *versus* alto rendimento) sobre as variáveis *identidade acadêmica* e *identidade atlética*, procedeu-se à análise multivariada de variância (MANOVA). A análise foi escolhida com o objetivo de evidenciar validade de critério da AAIS-Br, dada a existência de correlação entre as variáveis dependentes (identidade acadêmica e atlética), de forma a testar diferenças entre os dois grupos em função da intencionalidade da prática de esporte.

Os seguintes pré-requisitos para a realização da MANOVA foram tidos em consideração: a normalidade multivariada e a homogeneidade de variâncias-covariâncias. A análise estatística foi efetuada com recurso ao software SPSS (versão 23, SPSS Inc., Chicago, IL). Dado que o SPSS não dispõe de testes à normalidade multivariada, este pré-requisito foi abusivamente validado recorrendo ao teste da normalidade univariada de cada uma das variáveis dependentes através de testes univariados de Kolmogorov-

Smirnov, assim como por meio da observação dos valores da assimetria e curtose (Maroco, 2011).

O teste de Kolmogorov-Smirnov foi significativo no grupo que pratica esporte por lazer relativamente à variável identidade acadêmica. O mesmo teste foi também significativo para o grupo que pratica esporte de alto rendimento para a variável identidade atlética. Nos demais casos (grupo que pratica esporte por lazer relativamente a identidade atlética e grupo que pratica esporte de alto rendimento relativamente à identidade acadêmica), o teste Kolmogorov-Smirnov não foi significativo, sinalizando uma distribuição normal dos resultados. Contudo, mesmo nas situações em que o teste Kolmogorov-Smirnov se revelou significativo, foi possível observar que os valores da assimetria e da curtose são relativamente baixos ($<+/-1$), o que indicia a não existência de graves desvios à distribuição normal dos resultados (Tabela 8).

Tabela 8
Estatísticas descritivas dos grupos

	Identidade Acadêmica		Identidade Atlética	
	Lazer	Alto Rend.	Lazer	Alto Rend.
N	191	112	191	112
Média	4,771	4,429	4,191	5,469
Desvio-Padrão	1,486	1,429	1,599	1,261
Variância	2,210	2,042	2,558	1,591
Amplitude	5,60	5,80	6,00	5,17
Assimetria	-,387	-,142	-,038	-,851
Curtose	-,797	-,763	-,939	,099

O pressuposto da homogeneidade de variâncias-covariâncias em cada grupo foi objeto de avaliação através do teste M de Box ($M = 12.839$; $F(1868160.298) = 4.246$; $p = 0.005$). Dada a desigualdade do tamanho das amostras nos dois grupos em estudo, e tendo em atenção que apesar de o teste M de Box ter dado um resultado estatisticamente significativo, mas não ao nível de $p < 0.001$, pode concluir-se pela robustez da análise multivariada (Tabachnick & Fidell, 2013).

Os resultados da MANOVA evidenciaram que a variável intencionalidade da prática esportiva teve efeito de elevada dimensão e estatisticamente significativo sobre o compósito multivariado integrando os dois tipos de identidade analisados, identidade atlética e identidade acadêmica (Traço de Pillai = 0.186; $F(2,300) = 34.373$; $p = 0.000$; $\eta^2_p = 0.186$; potência = 1.000).

Tendo o resultado da MANOVA sido significativo, procedeu-se à realização de ANOVAS para cada uma das variáveis dependentes, seguida do teste post-hoc HSD de Tukey. Foi considerado um nível de significância de $\alpha=0.05$. A dimensão do efeito foi classificada de acordo com Maroco (2011). As ANOVAS revelaram os resultados seguidamente descritos. A intencionalidade da prática esportiva apresentou um efeito não estatisticamente significativo e de pequena dimensão sobre a identidade acadêmica ($F(1,8.263) = 3.847$; $p = 0.051$; $\eta^2_p = 0.013$; potência = 0.498). Estudantes que praticam esporte por lazer ou hobby apresentam um valor de identidade acadêmica ($M = 4.77$; $DP = 1.49$) semelhante aos estudantes que praticam esporte de alto rendimento ($M = 4.43$; $DP = 1.3$).

Em relação à identidade atlética foi observado um efeito estatisticamente significativo e de elevada dimensão em função da intencionalidade da prática esportiva ($F(1,115.248) = 52.355$; $p = 0.000$; $\eta^2_p = 0.148$; potência = 1.000). Estudantes universitários que praticam esporte voltados ao alto rendimento evidenciaram valores de identidade atlética ($M = 5.47$; $DP = 1.26$) superiores aos estudantes que praticam esporte por lazer ou hobby ($M = 4.19$; $DP = 1.60$). Os resultados são apresentados na Figura 6.

O resultado da MANOVA, então, indica que não existem diferenças significativas entre os participantes que praticam esporte universitário por lazer ou voltado para o alto rendimento no que toca à identidade acadêmica. Todavia, existe uma diferença

significativa em relação à identidade atlética e as duas diferentes intencionalidades de prática.

Figura 6. Médias e desvios-padrão para as variáveis *identidade acadêmica* e *identidade atlética* em função da intencionalidade da prática do esporte (lazer *versus* alto rendimento).

8. DISCUSSÃO

O objetivo da pesquisa foi adaptar e apresentar evidências de validade da AAIS-Br para a população universitária brasileira. A partir dos resultados apresentados, considera-se que os objetivos foram atingidos. Tendo em vista a saliência de ambas identidades, muitas vezes concorrentes nesse grupo específico de universitários (Meyer, 1990; Miller & Kerr, 2002), faz-se necessário o estudo e a mensuração dos dois construtos, a fim de que seja possível auxiliar a compreensão dos próprios estudantes e demais envolvidos. No entanto, a literatura nacional não oferecia um instrumento em português (Brasil) que mensurasse tais identidades de uma forma unificada.

Nessa direção, após a adaptação transcultural e a análise fatorial confirmatória, levadas a cabo neste estudo, observou-se que o modelo se ajustou ao modelo bifatorial

apresentado originalmente. Tais resultados confirmam, portanto, o modelo proposto por Yukhymenko-Lescroart (2014) e sua mesma estrutura para a AAIS-Br. O índice de consistência interna das dimensões desta escala (identidade acadêmica – $\alpha = 0,947$; identidade atlética – $\alpha = 0,946$) foram muito bons.

Esses achados assemelham-se aos anteriormente verificados em análise fatorial confirmatória feita por MacNab (2015), que obteve índices alfa de 0,92 (identidade acadêmica) e 0,93 (identidade atlética) e aos encontrados por Van Rens et al. (2018), com alfas de 0,91 e ,90 respectivamente. Os índices de ajustamento do modelo da AAIS-Br também corroboram os apresentados pelos últimos autores: ($\chi^2 (39) = 38.65, p = 0.49$, CFI = 1.0, GFI = 0.91, SRMR = 0.07).

No que diz respeito às evidências de validade convergente e discriminante apresentadas, os resultados obtidos se assemelham a grande parte das expectativas do estudo. De fato, não era esperada uma correlação significativa entre a identidade atlética e a identidade profissional, mesmo com muitas evidências científicas existentes, inclusive apresentadas na revisão bibliográfica acerca da identidade atlética de estudantes universitários. Isto porque a tendência de que universitários encarem seu papel esportivo com uma carreira profissional esportiva, isto é, como uma profissão, é pautada predominantemente em estudos estadunidenses, em que o modelo de esporte é pensado ao longo da vida escolar. Nesse sentido, a falta de correlação pode indicar que os estudantes universitários, desta amostra, não encaram a prática esportiva universitária como parte da carreira profissional.

O resultado corrobora a dificuldade encontrada no país para a valorização do esporte brasileiro, sobretudo neste ano com a extinção do Ministério do Esporte, cujas atribuições são transferidas para uma Secretaria no âmbito do Ministério da Cidadania. (Decreto No. 9.674, 2019). Particularmente, nos momentos em que teve espaço, não foi

evidenciado, como a tentativa de implantação de um modelo nacional pensado para o esporte universitário, apresentado e devidamente não acatado na III Conferência Nacional de Esporte, em 2010¹¹. Além disso, a ausência de definições claras sobre o lugar do esporte universitário (C.G. Barbosa, 2014; Maroni, 2012) e a ausência de políticas públicas de incentivo à carreira profissional esportiva dentro do ensino superior também se destacam (Fiochi-Marques et al., 2018; Starepravo et al., 2010).

Por sua vez, a correlação positiva entre a identidade acadêmica e identidade profissional era esperada no estudo. O resultado indicou que os participantes derivam a sua identidade profissional não da identidade atlética, mas da identidade acadêmica, vendo nos estudos uma questão ligada à identificação profissional. Isto é, os resultados apontam que tais participantes, que praticam esporte e estão no ensino superior, tendem a olhar para sua identidade profissional como algo que deriva mais da vida escolar.

Tal resultado não corrobora alguns achados da literatura estrangeira, cuja tendência é de que os estudantes universitários que praticam esporte priorizem a identidade atlética sobre a acadêmica quando sentem dificuldade de equilibrar os dois contextos (Sturm et al., 2011). Apesar de oposto ao consenso da literatura sobre a temática, notadamente pautada no modelo estadunidense, o resultado atendeu às expectativas do estudo, uma vez que fora observada recentemente que a dificuldade dos universitários brasileiros praticantes de esportes em equilibrar os contextos, juntamente com a falta de incentivos e investimento esportivo, há a tendência de priorização dos estudos e abandono esportivo (Fiochi-Marques et al., 2018).

Observa-se ainda, que a identidade acadêmica apresentou significativa correlação com a identidade atlética, conforme o esperado. Esse resultado é coerente com a tendência apresentada em estudos estadunidenses, que sustentam a associação entre as identidades

¹¹ www2.esporte.gov.br/conferencianacional/resolucoesIIICNE.jsp

acadêmicas e atléticas de estudantes universitários que praticam esportes, como em Miller e Kerr (2003), Sturm et al. (2011) e Yukhymenko-Lescroart (2014, 2018).

Nesse sentido, o resultado dessa associação pode ser explicado pela falta de clareza em relação ao papel do estudante universitário que pratica esporte no Brasil, e, também, pela falta de perspectiva de construção da carreira esportiva no contexto do país. Compreende-se uma apropriação do modelo de alto rendimento notavelmente emprestado dos EUA e defendidos pela CBDU (Leiros et al., 2010), enquanto há manifestações cada vez mais significativas de campeonatos universitários que visam promover a integração social entre os estudantes (Malagutti, 2015). O resultado do estudo australiano de Van Rens et al. (2018), contudo, destaca-se por não encontrar associações significativas entre essas duas variáveis e é de notável importância ao evidenciar a necessidade de produzir evidências científicas adequadas ao contexto nacional.

Dada a escassez de estudos sobre identidade acadêmica na literatura tanto nacional quanto internacional, não foi firmada uma expectativa sobre correlações entre identidade acadêmica e o *flourishing*. Contudo, a associação positiva entre as duas variáveis indica que a autopercepção de crescimento pessoal dos participantes tem relação com seu papel acadêmico. No entanto, esperava-se uma correlação entre a identidade atlética e o *flourishing*. A expectativa era que a identificação com o esporte levasse à percepção de desenvolvimento pessoal, visto que há evidências nacionais recentes que indicam o desenvolvimento positivo através do esporte e de habilidades transferíveis para a vida (Corrêa, 2019; Fiochi-Marques et al., 2018). A falta de correlação entre tais variáveis aponta para a necessidade de novas investigações que ampliem a definição de *flourishing* no contexto brasileiro, bem como a correlação no âmbito esportivo.

No que diz respeito à MANOVA, a análise não detectou diferenças significativas entre a identidade acadêmica e a intencionalidade da prática dos participantes. Havia essa

expectativa em relação a este resultado obtido, uma vez que certo grau de identificação com o papel acadêmico é necessário e inerente ao contexto escolar em que os participantes estão inseridos. Isto porque, para esse indivíduo escolher se irá praticar esporte por lazer ou voltado para o alto rendimento, ele deve se comprometer *a priori* com seu papel acadêmico, tendo sido aprovado em um vestibular, seja em IES pública ou particular.

Ainda, na MANOVA é demonstrada a capacidade da AAIS-Br em detectar diferenças esperadas: quem pratica esporte universitário por lazer tem identidade atlética menor do que quem pratica esporte voltado para o alto rendimento. Esse resultado corrobora estudos recentes internacionais que encontram diferenças na identidade atlética com base nos diferentes níveis de competição esportiva (Huml et al., 2019; Van Rens et al., 2018).

Tais evidências também apontam para a necessidade do trabalho com agentes e gestores das IES, para propor e/ou consolidar políticas que acolham as distintas manifestações da prática esportiva e promovam o espaço adequado para o estudante que a pratica, quer continuar praticando ou pretende começar a praticar, ao encontro da iniciativa da criação da disciplina da USP (Affonso, 2017), por exemplo. Para tanto, o uso da AAIS-Br pode ser indicado como fornecedor de pistas para adequar o trabalho e a conduta desses agentes e gestores de IES, como na elaboração de programas de suporte e auxílio, haja vista os já existentes programas de orientação e apoio acadêmico (M.M.F. Barbosa, Santos, Oliveira, & Melo-Silva, 2019), mas com foco adicional ao contexto esportivo.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados analisados foi possível tornar válido e confiável para esse contexto um instrumento capaz de mensurar o grau de identificação do grupo específico aqui descrito. Para além disso, ficou clara a necessidade de compreender como vem sendo equilibradas as identidades relativas ao estudo e ao esporte por estudantes universitários brasileiros, no sentido de preencher a lacuna de estudos brasileiros no campo científico.

Ao notar as altas médias obtidas para os dois fatores principais estudados, os resultados indicam uma forte identificação autodeclarada dos participantes para ambas as identidades. Confirma-se então o papel significativo do esporte na vida acadêmica dos estudantes, também apontados nos relatórios de campeonatos universitários tanto organizados pela CBDU, quanto organizados de forma independente.

Embora o esporte universitário no contexto brasileiro tenha tido um percurso histórico particular, foram encontrados resultados que indicam uma mistura de modelos esportivos no âmbito universitário, podendo também ser interpretado como a falta de um modelo próprio. Isto porque, no que toca à escala AAIS-Br, seu modelo original vem do alto rendimento, pautado mais em termos de desempenho, porém os dados dos participantes desta pesquisa se adequaram ao modelo.

Ainda, outras semelhanças foram encontradas com os estudos estadunidenses, como a associação entre identidade acadêmica e atlética e as diferenças na identidade atlética em diferentes intencionalidades da prática. Por outro lado, a falta de associação entre a identidade atlética e identidade profissional aproxima-se mais de modelos de esporte universitário difundidos em países europeus, que visam mais o bem-estar e o lazer dos praticantes. Tais aspectos reforçam quão benéfico pode ser a efetivação de um modelo nacional esportivo, com vistas à definição clara e coesa do lugar que o esporte universitário ocupa ou poderia ocupar.

É importante destacar que houve algumas dificuldades para o alcançar o público alvo do estudo nas regiões norte e nordeste do Brasil. Provavelmente isso tenha ocorrido em função do menor número de IES em ambas regiões do país, se comparadas às outras regiões. Outro indicador que possa explicar tal dificuldade é o número de IES filiadas à CBDU, disponível no site da confederação. Ele é bem menor do que a porcentagem de IES filiadas da região sudeste, por exemplo. Para sanar essa dificuldade foram estabelecidos contatos com coordenações de cursos, professores e responsáveis pelas atléticas das IES de tais regiões, e desta forma a amostra foi equilibrada para atender às generalizações aqui realizadas.

Também foi encontrada certa dificuldade em alcançar a meta de estudantes universitários praticantes de esportes voltados ao alto rendimento, sanadas por meio do contato via rede sociais diretamente com universitários em destaques nos sites da CBDU e dos seus principais campeonatos oficiais. Ainda assim, a meta mínima para realizar as análises foi atingida.

Contudo, algumas limitações deste estudo são apontadas. Ainda que tenha atendido aos critérios estatísticos para a análise, destacam-se a coleta *online*, seu tempo restrito e o número da amostra. Nesse sentido, é sugerido que novas investigações sejam feitas com o mesmo delineamento e também de maneira presencial, com maior número de participantes, entre estudantes de IES públicas e privadas, e também para além do contexto universitário. As identidades acadêmica e atlética também podem estar salientes em estudantes de outros níveis escolares, o que pode implicar em novos resultados e proporcionar outras análises e conclusões, corroborando ou diferenciando-se deste estudo.

No que diz respeito às análises da AAIS-Br, sugere-se também a busca por novas correlações para que evidências de validade adicionais reforcem ou apontem possíveis

mudanças de estrutura para o contexto brasileiro. Isto porque não há um consenso na literatura sobre quais análises são necessárias para dar a validação de uma medida como completa, sendo então melhor quanto mais evidências o instrumento fornecer, visto que isso tende a aumentar a confiabilidade da medida (Borsa et al., 2012).

Ainda, como direcionamentos para novas pesquisas, sugere-se a utilização da escala AAIS-Br com variáveis independentes relativas à identidade acadêmica, voltadas ao desempenho escolar, nível de satisfação com a escolha do curso, vivências estudantis e integração acadêmica, por exemplo. Ainda, são pertinentes investigações que busquem relações entre a AAIS-Br e satisfação de vida, prazer nos esportes e na universidade, que apesar de temas relevantes, continuam escassos segundo Van Rens et al. (2018).

Finalizando, espera-se que os resultados deste estudo sobre a adaptação e a validação da AAIS-Br, uma ferramenta de mensuração da identidade acadêmica e atlética contribui para a produção do conhecimento na interface das áreas Psicologia do Esporte e do Desenvolvimento de Carreira no âmbito das identidades. Um instrumento validado para o contexto brasileiro pode ser utilizado em intervenções ou pesquisas direcionadas à população específica que lida com as demandas dos indivíduos que buscam experimentar os dois papéis durante a realização do ensino superior. Conhecer mais sobre os universitários que praticam esporte, no desenvolvimento da identidade profissional, também é útil para fornecer pistas para a elaboração de programas de apoio ao universitário com foco no desenvolvimento de competências para a construção das possibilidades de carreira esportiva ou de competências transferíveis para a carreira acadêmica, independentemente da área profissional. O esporte inserido no contexto escolar, especialmente no que toca ao ensino superior, foco desta pesquisa, oferece um espaço de socialização e ambiente propício para a formação e o desenvolvimento integral do universitário, o trabalhador do futuro.

REFERÊNCIAS

- Adams, K., Hean, S., Sturgis, P., & Clark, J. M. (2006). Investigating the factors influencing professional identity of first-year health and social care students. *Learning in Health and Social Care*, 5(2), 55-68. doi:10.1111/j.1473-6861.2006.00119
- Adler, P., & Adler, P. A. (1985). From idealism to pragmatic detachment: The academic performance of college athletes. *Sociology of Education*, 58(4), 241-250. doi:10.2307/2112226
- Affonso, M. (2017, 16 de março). Esporte na graduação: USP inaugura sua primeira e maior disciplina. *Jornal da USP*. Recuperado de <http://jornal.usp.br/universidade/esporte-na-graduacao-usp-inaugura-sua-primeira-e-maior-disciplina/>
- Alegre, C. A. (1988). Desporto universitário em Portugal. *Horizonte* 4(24), 209-212.
- Almeida, L. S., Soares, A. P. C., Vasconcelos, R. M., Capela, J. V., Vasconcelos, J. B., Corais, J. M., & Fernandes, A. (2000). Envolvimento extracurricular e ajustamento académico: Um estudo sobre as vivências dos estudantes universitários com e sem funções associativas. In A. P. Soares, A. Osório, J. V. Capela, L. S. Almeida, R. M. Vasconcelos, & S. M. Caires (Eds.), *Transição para o ensino superior* (pp. 167-187). Braga, Portugal: Universidade do Minho – Conselho Académico.
- Barbosa, C. G. (2014). *Liderança na gestão do esporte universitário: Proposta da criação de uma rede de dados* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Rio Claro, SP.
- Barbosa, C. G. (2017). *A gestão pública do esporte universitário brasileiro: A bola não deve entrar por acaso* (Tese de doutorado não publicada). Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Rio Claro, SP.

- Barbosa, M. M. F., Santos, A. S., Oliveira, M. C., & Melo-Silva, L. L. (2019). Avaliação qualitativa de um programa de adaptação acadêmica no ensino superior. In A. D. Silva, C. Marques, & Oliveira, I. (Coords.), *Carreira em contextos educativos* (pp. 97-110). Braga, Portugal: APDC Edições.
- Barros, K. S. (2008). Recortes da transição na carreira esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2(1), 1-27.
- Beamon, K. (2012). "I'm a baller": Athletic identity foreclosure among African-American former student-athletes. *Journal of African American Studies*, 16(2), 195-208. doi:10.1007/s12111-012-9211-8
- Bell, J. M., Prewitt, S. L., Bernhardt, V., & Culpepper, D. (2018). The relationship of athlete identity and career exploration and engagement of NCAA division II athletes. *International Journal of Exercise Science*, 11(5), 493-502.
- Benson, A. J., Evans, M. B., Surya, M., & Martin, L. J. (2015). Embracing athletic identity in the face of threat. *Sport, Exercise, and Performance Psychology*, 4(4), 303-315. doi:10.1037/spy0000045
- Bentler, P. M. (1990). Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107(2), 238-246. doi:10.1037/0033-2909.107.2.238
- Bimper, A. Y., Jr., & Harrison, L., Jr. (2011). Meet me at the crossroads: African American athletic and racial identity. *Quest*, 63(3), 275-288. doi:10.1080/00336297.2011.10483681
- Borges, E. C., & Buonicore, A. C. (2007). *Memória do esporte educacional brasileiro: Breve história dos Jogos Universitários e Escolares*. São Paulo, SP: Centro de Estudos e Memória da Juventude.

- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Cross-cultural adaptation and validation of psychological instruments: Some considerations. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432. doi:10.1590/S0103-863X2012000300014
- Brewer, B. W. (1993). Self-identity and specific vulnerability to depressed mood. *Journal of Personality*, 61(3), 343-364. doi:10.1111/j.1467-6494.1993.tb00284.x
- Brewer, B. W., Cornelius, A. (2001). Norms and factorial invariance of the Athletic Identity Measurement Scale (AIMS). *Academic Athletic Journal*, 16, 103-113.
- Brewer, B. W., Van Raalte, J. L., & Linder, D. E. (1993). Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles heel? *International Journal of Sport Psychology*, 24(2), 237-254.
- Brewer, B. W., Selby, C., Linder, D., & Petitpas, A. (1999). Distancing oneself from a poor season: Divestment of athletic identity. *Journal of Personal & Interpersonal Loss*, 4(2), 149-162. doi:10.1080/10811449908409723
- Brown, C., & Hartley, D. L. (1998). Athletic identity and career maturity of male college student athletes. *International Journal of Sport Psychology*, 29(1), 17-26.
- Burns, G. N., Jasinski, D., Dunn, S. C., & Fletcher, D. (2012). Athlete identity and athlete satisfaction: The nonconformity of exclusivity. *Personality and Individual Differences*, 52(3), 280-284. doi:10.1016/j.paid.2011.10.020
- Cabrita, T. R. M. (2014). *A identidade atlética e a carreira desportiva* (Tese de doutorado não publicada). Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica, Lisboa, Portugal.
- Campana, R. (2004). *Education through University Sport. Proceedings of the FISU Forum*. Lisbon, Portugal.
- Carvalho, R. A. T. (2015). *Atleta não estuda? Investigando a evasão escolar dos alunos-atletas na educação superior* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, SP.

- Chang, W. H., Wu, C. -H., Kuo, C. -C., & Chen, L. H. (2018). The role of athletic identity in the development of athlete burnout: The moderating role of psychological flexibility. *Psychology of Sport and Exercise*, 39, 45–51. doi:10.1016/j.psychsport.2018.07.014
- Chen, S., Snyder, S., & Magner, M. (2010). The effects of sport participation on student-athletes' and non-athlete students' social life and identity. *Journal of Issues in Intercollegiate Athletics*, 3, 176-193.
- Cieslak, T., Fink, J., & Pastore, D. (2005). Measuring the athletic identity construct: Scale development and validation. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 27(Suppl.), S48.
- Colaço, C. P., & Fleck, L. A. (2009). Estratégias do desporto universitário: Um estudo de caso sobre o desporto em universidades portuguesas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9(2), 68-75.
- Collison, J., & Hockey, J. (2007). “Working out” identity: Distance runners and management of disrupted identity. *Leisure Studies*, 26(4), 381-398. doi:10.1080/02614360601053384
- Contandriopoulos, D., Lemire, M., Denis, J. -L., & Tremblay, É. (2010). Knowledge Exchange Processes in Organizations and Policy Arenas: A Narrative Systematic Review of the Literature. *Milbank Quarterly*, 88(4), 444–483. doi:10.1111/j.1468-0009.2010.00608.x
- Cornelius, A. (1995). The relationship between athletic identity, peer, faculty socialization, and college student development. *Journal of College Student Development*, 36(6), 560-573.

- Corrêa, M. A. (2019). *Integração acadêmica e autoavaliações de universitários praticantes e não praticantes de esportes* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Decreto No. 9.674, de 2 de janeiro de 2019. (2019, 2 de janeiro). Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Cidadania, remaneja cargos em comissão e funções de confiança, transforma cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS e Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE e substitui cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS por Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9674.htm
- Diener, E., Wirtz, D., Tov, W., Kim-Prieto, C., Choi, D., Oishi, S., & Biswas-Diener, R. (2010). New well-being measures: Short scales to assess flourishing and positive and negative feelings. *Social Indicators Research*, 97(2), 143-156. doi:10.1007/s11205-009-9493-y
- Dubar, C. (2005). *A socialização: Construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Erikson, E. H. (1987). *Identidade: Juventude e crise* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.
- Faleiros, F., Kppler, C., Pontes, F. A. R., Silva, S. S. C., Goes, F. S. N., & Cucick, C. D. (2016). Uso de questionrio online e divulgao virtual como estratgia de coleta de dados em estudos cientficos. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 25(4), 1-6. doi:10.1590/0104-07072016003880014
- Fiochi-Marques, M., Oliveira, M. C., & Melo-Silva, L. L. (2018). Construio da carreira do universitrio-atleta: Percepes e expectativas na transio universidade-trabalho.

Psicologia Revista, 27(Esp.), 679-706. doi:10.23925/2594-3871.2018v27i3p679-706

Foldesi, S. G. (1993). The transformation of sport in Eastern Europe: The Hungarian case.

Journal of Comparative Physical Education and Sport, 15(1), 5-21.

Fonseca, P. N., Nascimento, B. S., Barbosa, L. H. G. M., Vione, K. C., & Gouveia, V. V.

(2015). Flourishing Scale: Evidence of its suitability to the Brazilian context. *Social Inquiry into Well-Being*, 1(2), 33-40.

Foster, S. J. L., & Huml, M. R. (2017). The relationship between athletic identity and academic major chosen by student-athletes. *International Journal of Exercise Science*, 10(6), 915-925.

Fuller, R. D. (2017). Perception or reality: The relationship between stereotypes, discrimination, and the academic outcomes of African American male college athletes. *Journal of Sport and Social Issues*, 41(5), 402-424. doi:10.1177/0193723517719664

Fuller, R. D., Harrison, C. K., & Bukstein, S. J. (2017). A study of significance of racial and athletic identification on educational perceptions among African American male college athletes. *Race Ethnicity and Education*, 20(5), 711-722. doi:10.1080/13613324.2016.1150829

Galien, J. (2004). Education through University Sport. Presented at Proceedings of the FISU Forum, Lisbon, Portugal.

Garcia, L. A. (2018). *Esporte universitário na UFU: Análise dos fatores motivacionais dos atletas da equipe de futebol da Universidade Federal de Uberlândia* (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.

- George, D., & Mallery, M. (2010). *SPSS for Windows step by step: A simple guide and reference, 17.0 update* (10th ed.). Boston, MA: Pearson.
- Grossbard, J. R., Geisner, I. M., Mastroleo, N. R., Kilmer, J. R., Turrisi, R., & Larimer, M. E. (2009). Athletic identity, descriptive norms, and drinking among athletes transitioning to college. *Addictive Behaviors, 34*(4), 352–359. doi:10.1016/j.addbeh.2008.11.011
- Hagiwara, G., & Isogai, H. (2014). Relationships between Athletic Identity and Sport Commitment linked to sport involvement. *ICSSPE Bulletin, 67*, 91-100.
- Hagiwara, G., Kuroda, J., Oshita, K., Shimozone, H., & Matsuzaki, T. (2018). Relationships between athletic identity and the two dimensions of sport commitment of Japanese student athletes. *Journal of Physical Education and Sport, 18*(3), 1514-1517.
- Hair, J. F., Jr., Babin, B., Money, A. H., & Samouel, P. (2006). *Fundamentos de métodos de pesquisa em Administração*. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Hatzidakis, G. (2005). Esporte universitário. In L. DaCosta (Org.), *Atlas do esporte no Brasil* (pp. 403-405). Rio de Janeiro, RJ: Shape.
- Hilliard, R. C., Blom, L., Hankemeier, D., & Bolin, J. (2017). Exploring the relationship between athletic identity and beliefs about rehabilitation overadherence in college athletes. *Journal of Sport Rehabilitation, 26*(3), 208-220. doi:10.1123/jsr.2015-0134
- Houle, J. L. W., & Kluck, A. S. (2015). An examination of the relationship between athletic identity and career maturity in student-athletes. *Journal of Clinical Sport Psychology, 9*(1), 24-40. doi:10.1123/jcsp.2014-0027
- Huml, M. R., Hancock, M. G., & Hums, M. A. (2019). Athletics and academics: The relationship between athletic identity sub-constructs and educational outcomes. *Journal of Issues in Intercollegiate Athletics, 12*, 46-62.

- Isoldi, C. C. (2015, 27 de agosto). Esporte universitário também tem confederação nacional – e ela não tem nenhuma relação com as atléticas. *Revista Beat*. Recuperado de <https://www.revistabeat.com.br/2015/08/27/esporte-universitario-tambem-tem-confederacao-nacional-e-ela-nao-tem-nenhuma-relacao-com-as-atleticas>
- Keith, T. Z. (2006). *Multiple regression and beyond*. Toronto, Canada: Pearson.
- Kimmel, D. C., & Weiner, I. (1998). *La adolescencia: Una transición del desarrollo*. Barcelona, España: Arie.
- Kissinger, D. B., Newman, R., Miller, M. T., & Nadler, D. P. (2011). Athletic identity of community college student athletes: Issues for counseling. *Community College Journal of Research and Practice*, 35(7), 574-589. doi:10.1080/10668920801897886
- Kline, R. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York, NY: Guilford.
- Kroshus, E., Kubzansky, L. D., Goldman, R. E., & Austin, S. B. (2014). Norms, athletic identity, and concussion symptom under-reporting among male collegiate ice hockey players: A prospective cohort study. *Annals of Behavioral Medicine*, 49(1), 95–103. doi:10.1007/s12160-014-9636-5
- Lally, P. S. (2007). Identity and athletic retirement: A prospective study. *Psychology of Sport and Exercise*, 8, 85-99. doi:10.1016/j.psychsport.2006.03.003
- Lally, P. S., & Kerr, G. (2005). The career planning, athletic identity, and student role identity of intercollegiate student athletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 76(3), 275-285. doi:10.1080/02701367.2005.10599299
- Lantz, C. D., & Schroeder, P. J. (1999). Endorsement of masculine and feminine gender roles: Differences between participation in and identification with the athletic role. *Journal of Sport Behavior*, 22(4), 545-557.

- Lee, K., Kang, S., & Kim, I. (2017). Relationships Among Stress, Burnout, Athletic Identity, and Athlete Satisfaction in Students at Korea's Physical Education High Schools. *Psychological Reports*, 120(4), 585–608. doi:10.1177/0033294117698465
- Lei No. 3.617, de 15 de setembro de 1941.* (1941, 15 de setembro). Estabelece as bases dos desportos universitários. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13617.htm
- Lei No. 6.251, de 08 de outubro de 1975.* (1975, 08 de outubro). Institui normas gerais sobre desportos, e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6251.htm
- Lei No. 8.672, de 06 de julho de 1993.* (1993, 06 de julho). Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8672.htm
- Lei No. 9.615, de 24 de março de 1998.* (1998, 24 de março). Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm
- Lei No. 10.264, de 16 de julho de 2001.* (2001, 16 de julho). Acrescenta inciso e parágrafos ao art. 56 da Lei No. 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10264.htm
- Leiros, A. C. R., Damiani, C., Costa, F. S., Gnecco, J. R., Filgueira, J., & Cabral, L. (2010). *Perspectivas para o esporte universitário: Reflexões do 1º Encontro Nacional de Atléticas Universitárias*. São Paulo, SP: Centro de Estudos e Memória da Juventude.
- MacNab, B. A. (2015). *Student-athlete academic and athletic identity and self-efficacy* (Unpublished master's thesis). Louisiana State University, Baton Rouge, LA.

- Malagutti, J. P. M. (2015). *Esporte ou festa? Uma análise sobre o subcampo do esporte universitário no Paraná* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.
- Markus, H., & Wurf, E. (1987). The dynamic self-concept: Asocial psychological perspective. *Annual Review of Psychology*, 38, 299-337. doi:10.1146/annurev.ps.38.020187.001503
- Martens, M. P., & Lee, F. K. (1998). Promoting life-career development in the student athlete: How can career centers help? *Journal of Career Development*, 25(2), 123-134. doi:10.1177/089484539802500205
- Marx, J., Huffmon, S., & Doyle, A. (2008). The student-athlete model and the socialization of intercollegiate athletes. *Athletic Insight: The Online Journal of Sport Psychology*, 10(1), 1-23.
- Maroco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (5a ed.). Pero Pinheiro, Portugal: ReportNumber.
- Maroni, F. C. (2012). Gestão do esporte universitário. In L. C. Mazzei & F. C. Bastos. *Gestão do esporte no Brasil: Desafios e perspectivas* (pp. 139-162). São Paulo, SP: Ícone.
- Mazzei, L. C., & Bastos, F. C. (2012). *Gestão do esporte no Brasil: Desafios e perspectivas*. São Paulo, SP: Ícone.
- Melendez, M. C. (2009). Psychosocial influences on college adjustment in Division I student-athletes: The role of athletic identity. *Journal of College Student Retention: Research, Theory and Practice*, 11(3), 345-361. doi:10.2190/CS.11.3.c
- Mezzadri, F. M. (2000). *A estrutura esportiva no estado do paran: Da formao dos clubes esportivos s atuais polticas governamentais* (Tese de doutorado no publicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

- Meyer, B. B. (1990). From idealism to actualization: The academic performance of female collegiate athletes. *Sociology of Sport Journal*, 7(1), 44-57. doi:10.1123/ssj.7.1.44
- Miller, P. S., & Kerr, G. (2002). The athletic, academic, and social experiences of intercollegiate student-athletes. *Journal of Sport Behavior*, 25(4), 346-368.
- Muñoz, W. I. S., Takayanagui, A. M. M., Santos, C. B., & Sanchez-Weatman, O. (2002). Revisão sistemática da literatura e metanálise: Noções básicas sobre seu desenho, interpretação e aplicação na área de saúde. *Anais do Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem*, 8, 1-7.
- Nasco, S. A., & Webb, W. M. (2006). Toward an expanded measure of athletic identity: The inclusion of public and private dimensions. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28(4), 434-453. doi:10.1123/jsep.28.4.434
- Nunnally, J. C., & Bernstein, I. H. (1994). The assessment of reliability. In *Psychometric theory* (3rd ed., pp. 248-292). New York, NY: McGraw-Hill.
- Parente, F. M. S. (2011). *Oferta e procura desportiva dos estudantes do ensino superior – estudo realizado com os alunos do 1o ano da Universidade do Minho* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Petticrew, M., & Roberts, H. (2006). *Systematic reviews in the social sciences: A practical guide*. Oxford, United Kingdom: Blackwell.
- Proios, M. (2012). Factor validity of the athletic identity measurement scale in a Greek sample. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 10(4), 305-313. doi:10.1080/1612197X.2012.705518
- Ramos, A., Faria, P. M., & Faria, A. (2014). Revisão sistemática de literatura: Contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. *Revista Diálogo Educacional*, 14(41), 17-36. doi:10.7213/dialogo.educ.14.041.DS01

- Reifsteck, E. J., Gill, D. L., & Brooks, D. L. (2013). The relationship between athletic identity and physical activity among former college athletes. *Athletic Insight*, 5(3), 271-284.
- Renfro, W. (2007). *O desporto universitário nos Estados Unidos: Acrescentar valor a experiência do ensino superior*. Apresentado no Workshop Perspectivas para o Desporto Universitário na Europa e Gestão de Infraestruturas Desportivas. Lisboa, Portugal: Ed. Estádio Universitário de Lisboa.
- Renson, R. (1999). *Social sports stratification*. Leuven, Belgium: Katholieke Universiteit.
- Rossi, G. A. N. (2016). *Adaptação cultural e evidências de validade de escalas da clareza e da identidade profissional* (Trabalho de Conclusão de Curso não publicado). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Test of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research*, 8(2), 23-74.
- Shields, N. (1995). The link between student identity, attributions, and self-esteem among adult returning students. *Sociological Perspectives*, 38(2), 261-272. doi:10.2307/1389293
- Silva, W. R., Ferrari, E. P., Medeiros, T. E., Freitas, K. T. D., Tkac, C. M., & Cardoso, F. L. (2016). Athletic identity measurement scale: Translation, adaptation and validation for Brazil. *Motriz*, 22(1), 42-47. doi:10.1590/S1980-65742016000100006
- Simons, H. D., Van Rheenen, D., & Covington, M. V. (1999). Academic motivation and the student athlete. *Journal of College Student Development*, 40(2), 151-162.
- Snyder, E. E. (1985). A theoretical analysis of academic and athletic roles. *Sociology of Sport Journal*, 2(3), 164-171. doi:10.1123/ssj.2.3.210

- Starepravo, F. A. (2005). *O esporte universitário paraense e suas relações com o poder público* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- Starepravo, F. A., Reis, L. J. A., Mezzadri, F. M., & Marchi, W., Jr. (2010). O esporte universitário no Brasil: Uma interpretação a partir da legislação esportiva. *Esporte e Sociedade*, 5(1), 47-62.
- Steinfeldt, J. A., Steinfeldt, M. C., England, B., & Speight, Q. L. (2009). Gender role conflict and stigma toward help-seeking among college football players. *Psychology of Men & Masculinity*, 10(4), 261-272. doi:10.1037/a0017223
- Steinfeldt, M., & Steinfeldt, J. A. (2012). Athletic identity and conformity to masculine norms among college football players. *Journal of Applied Sport Psychology*, 24(2), 115-128. doi:10.1080/10413200.2011.603405
- Stryker, S., & Burke, P. J. (2000). The past, present, and future of an identity theory. *Social Psychology Quarterly*, 63(4), 284-297. doi:10.2307/2695840
- Sturm, J. E., Feltz, D. L., & Gilson, T. A. (2011). A comparison of athlete and student identity for Division I and Division III athletes. *Journal of Sport Behavior*, 34(3), 295-306.
- Subijana, C. L., Barriopedro, M. I., & Sanz, I. (2015). Dual career motivation and athletic identity on elite athletes. *Revista de Psicología del Deporte*, 24(1), 55-57.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed.). Boston, MA: Pearson.
- Tajfel, H. (1978). Social categorization, social identity and social comparison. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations* (pp. 61-76). London, United Kingdom: Academic Press.

- Toledo, R. (2007). *Gestão do esporte universitário: Uma importante estratégia de marketing para as universidades*. São Paulo, SP: Aleph.
- Tubino, M. J. G. (2010). *Estudos brasileiros sobre o esporte: Ênfase no esporte-educação*. Maringá, PR: Eduem.
- Tyrance, S. C., Harris, H. L., & Post, P. (2013). Predicting positive career planning attitudes among NCAA Division I college student-athletes. *Journal of Clinical Sport Psychology*, 7(1), 22-40. doi:10.1123/jcsp.7.1.22
- Van Rens, F. E. C. A., Ashley, R. A., & Steele, A. R. (2018). Wellbeing and Performance in Dual Careers: the Role of Academic and Athletic Identities. *The Sport Psychologist*, 33(1), 42-51. doi:10.1123/tsp.2018-0026
- Veloso, T. (2005). *Projecto de desenvolvimento do desporto universitário de competição, exemplo a Universidade de Porto* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Voser, R. C., Hernandez, J. A. E., Voser, P. E. G., & Rodrigues, T. A. (2016). Motivação dos praticantes de futsal universitário: Um estudo descritivo. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 8(31), 357-364.
- Wachelke, J., Natividade, J., Andrade, A., Wolter, R., & Camargo, B. (2014). Caracterização e avaliação de um procedimento de coleta de dados online (CORP). *Avaliação Psicológica*, 13(1), 143-146.
- Watt, S. K., & Moore, J. L., III. (2001). Who are student athletes? *New Directions for Student Services*, (93), 7-16.
- Wayment, H. A., Huffman, A. H., Lane, T. S., & Lininger, M. R. (2019). Relationship of athletic and academic identity to concussion reporting intentions. *Musculoskeletal Science and Practice*. <https://doi.org/10.1016/j.msksp.2019.04.003>
- Wylleman, P.,

- Lavallee, D., & Alfermann, D. (1999). *Career transitions in competitive sports*. Biel, Switzerland: FEPSAC.
- Yukhymenko-Lescroart, M. A. (2014). Students and athletes? Development of the Academic and Athletic Identity Scale (AAIS). *Sport, Exercise, and Performance Psychology*, 3(2), 89-101. doi:10.1037/spy0000009
- Yukhymenko-Lescroart, M. A. (2018). On identity and sport conduct of student-athletes: Considering athletic and academic contexts. *Psychology of Sport and Exercise*, 34, 10-19. doi:10.1016/j.psychsport.2017.09.006
- Zhou, J., Heim, D., & Levy, A. (2016). Sports Participation and Alcohol Use: Associations With Sports-Related Identities and Well-Being. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 77(1), 170–179. doi:10.15288/jsad.2016.77.170
- Zhou, J., Heim, D., & O'Brien, K. (2015). Alcohol consumption, athlete identity, and happiness among student sportspeople as a function of sport-type. *Alcohol and Alcoholism*, 50(5), 617–623. doi:10.1093/alcalc/agv030

APÊNDICE A

Questionário Sociodemográfico**A) Informações gerais acerca de você e seu contexto**

1) Sexo

☐ Masculino ☐ Feminino

2) Estado civil

☐ solteiro(a) ☐ união estável ☐ casado(a) ☐ divorciado(a) ☐ viúvo(a)☐ Outro: _____

3) Você tem filhos?

☐ Não ☐ 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ou mais

4) Qual a sua ocupação atual?

Para o grau de ESTAGIÁRIO, por favor desconsidere estágios obrigatórios e não remunerados.

☐ Estudante ☐ Estudante e Estagiário ☐ Estudante e trabalhador sem vínculo empregatício (autônomo) ☐ Estudante e Trabalhador com vínculo empregatício

5) Qual é o grau de instrução do chefe da família?

Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.

☐ Analfabeto / Ensino Fundamental I Incompleto☐ Fundamental I Completo / Fundamental II Incompleto☐ Fundamental II Completo / Ensino Médio Incompleto☐ Médio Completo / Ensino Superior Incompleto☐ Ensino Superior Completo☐ Pós-graduado

6) Atualmente, você reside:

☐ com os pais/responsáveis ☐ com o/a parceiro e/ou filhos ☐ com amigos/república

☐ sozinho ☐ outro: _____

7) Assinale a quantidade de itens que sua família de origem possui em sua residência.

(Fonte:ABEP)

	Não possui	1	2	3	4 ou mais
Banheiros					
Empregados domésticos					

Automóveis					
Microcomputador (computador de mesa, laptop, notebook e netbook)					
Lavadora de louças					
Geladeira					
Freezer					
Máquina lava roupas					
DVD					
Microondas					
Motocicletas					
Secadora de roupas					

B) Dados Escolares

8) Atualmente, você é estudante de:

☐ Graduação ☐ Pós-Graduação (Mestrado) ☐ Pós-Graduação (Doutorado)

☐ Outro: _____

9) Qual a natureza de sua Instituição de Ensino Superior (IES)?

☐ Privada ☐ Pública ☐ Confessional (pertence a igrejas ou confissões

religiosas)

10) Em que região do Brasil ela está localizada?

☐ Sul ☐ Sudeste ☐ Centro-Oeste ☐ Norte ☐ Nordeste

11) Qual o nome da sua Instituição de Ensino Superior atual? _____

12) Qual o seu curso? _____

13) Qual a duração do seu curso? ☐ 1 ano ☐ 2 anos ☐ 3 anos ☐ 4 anos ☐ 5 anos (
)6 anos

14) Qual semestre você está cursando?

☐ 1º ☐ 2º ☐ 3º ☐ 4º ☐ 5º ☐ 6º ☐ 7º ☐ 8º ☐ 9º ☐ 10º ☐ 11º ☐ 12º

15) Qual o período do curso? ☐ Matutino ☐ Integral ☐ Vespertino ☐ Noturno

16) Qual seu grau de identificação com o curso?

☐ Nenhuma identificação ☐ Pouca identificação

☐ Boa identificação ☐ Muita identificação

17) Ao final da graduação, você pretende:

☐ atuar na área de formação

- () investir profissionalmente no esporte
- () atuar em outra área diferente da sua formação
- () outro: _____

18) Está envolvido em atividades extracurriculares? () Sim () Não

11.1) (Se sim) Quais são essas atividades? _____

19) Você recebeu/recebe algum tipo de auxílio?

Por favor, considere auxílios tais como auxílios institucionais de moradia e alimentação, bolsas de permanência, bolsa-atleta, bolsa de pesquisa, descontos na mensalidade, entre outros, tanto no ATUAL curso, como em cursos passados.

() Sim () Não

12.1) (Se sim) Qual (is) auxílios? _____

C) Informações Esportivas

20) Com qual papel social/de vida atualmente você mais se identifica?

- () Papel de estudante/acadêmico
- () Papel de atleta/esportista

21) Como você classifica o seu tipo de envolvimento com o esporte atualmente?

Considere-se Amador, se você pratica o esporte eventualmente por lazer, prazer, hobby, sem o intuito de lucro. Não Profissional, também conhecido como "semiprofissional", se você pratica esporte sem receber remuneração, porém recebe patrocínios e/ou incentivos materiais. Profissional, caso seja a sua ocupação principal, receba remuneração e/ou tenha um contrato de trabalho.

() amador () semiprofissional () profissional

22) Você pratica esporte atualmente com qual fim?

- () lazer, como hobby
- () competição, voltado para o alto rendimento

23) Você já pensou em ser atleta profissional?

() não () sim, e sou () sim, mas já fui () sim, mas não sei o que preciso para isso

24) A sua faculdade/universidade tem políticas próprias/benefícios para atletas?

() Não () Sim () Não sei

17.1) (Se sim) Quais são essas políticas/benefícios? _____

25) Você recebe ou já recebeu algum desses benefícios?

- () Não. () Sim, bolsa/auxílios da universidade/faculdade
- () Sim, patrocínio externo à universidade/faculdade () Outro: _____

26) Há quanto tempo você pratica esporte?

Resposta em anos* _____

27) Em qual contexto você começou a dedicar-se ao esporte?

☐ clubes esportivos ☐ em escolas especializadas na modalidade esportiva ☐ em espaços esportivos municipais/estaduais (quadras, campos, ginásios, piscina) ☐ na escola (ensino fundamental) ☐ na escola (ensino médio) ☐ na universidade/faculdade (ensino superior) ☐ em ONGs (organizações não governamentais) ☐ Outro: _____

28) Em qual(is) modalidade(s) você está envolvido? (Marcar com um X a modalidade que mais disputou em campeonatos oficiais, e com um - se houver outras modalidades)

☐ Atletismo ☐ Basquete ☐ Handebol ☐ Futebol ☐ Tênis de campo
☐ Tênis de mesa ☐ Natação ☐ Judô ☐ Vôlei ☐ Xadrez ☐ Rúgbi
☐ Outro: _____

29) Dessas modalidades que você marcou, qual é a que mais se identifica/mais disputou em campeonatos?

☐ Atletismo ☐ Basquete ☐ Handebol ☐ Futebol ☐ Tênis de campo
☐ Tênis de mesa ☐ Natação ☐ Judô ☐ Vôlei ☐ Xadrez ☐ Rúgbi
☐ Outro: _____

30) Como classificaria a infraestrutura da sua universidade/faculdade para o treinamento de sua modalidade?

☐ Muito Ruim ☐ Ruim ☐ Regular ☐ Boa ☐ Muito boa

31) Com quais elementos sua IES conta no âmbito esportivo?

☐ local de treinamento próprio e adequado (quadras, campos, ginásios, piscina)
☐ treinador ☐ equipe técnica ☐ fisioterapeuta ☐ psicólogo ☐ nutricionista
☐ Outro: _____

32) Quantas vezes por semana você treina?

☐ 1 vez ☐ 2 vezes ☐ 3 vezes ☐ 4 vezes ☐ 5 vezes ☐ mais de 5 vezes

CAMPEONATOS DISPUTADOS

A seguir, liste os campeonatos e quantas vezes os disputou.

Ex: Caso tenha disputado cinco vezes os jogos da primavera e duas vezes os jogos regionais,

escreva da seguinte forma:

Jogos da Primavera (5); Jogos Regionais (2)

33) Por favor, liste os campeonatos de base (antes da universidade/faculdade):

34) Por favor, liste os campeonatos universitários:

35) Por favor, liste os campeonatos profissionais (sem o envolvimento da universidade/faculdade):

36) Como você teve acesso à essa pesquisa?

() por meio de Redes sociais () por meio de Instituição de Ensino

() por meio de Amigos/Conhecidos () por meio de Professores () outro:

37) Caso sinta necessidade, deixe aqui comentários e/ou sugestões:

Obrigada por dedicar o seu tempo a este estudo e colaborar para o avanço do esporte no meio acadêmico!

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado participante,

convidamos você a participar voluntariamente da pesquisa "Identidade atlética e acadêmica de universitários envolvidos com o esporte", um estudo de Mestrado de Manoella Fiochi Marques, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), sob a orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva. Este estudo tem como objetivo adaptar e apresentar evidências de validade da Academic and Athletic Identity Scale (AAIS) para a população universitária brasileira.

A coleta de dados será realizada toda on-line. Como forma de sigilo, seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, garantindo o anonimato. Cumpre esclarecer que sua participação não envolve gastos. Não haverá benefícios diretos às pessoas que participarem da pesquisa, os benefícios são indiretos, pois gerarão conhecimentos úteis para a prática. Não há riscos previsíveis em decorrência de sua participação. Os resultados obtidos contribuirão com os estudos sobre Identidade relacionados especificamente ao contexto acadêmico e atlético, vislumbrando o aprimoramento dos estudos na área da Psicologia do Esporte e Psicologia da Carreira.

Registro mais uma vez que sua participação é voluntária e que você poderá se recusar a participar da pesquisa, retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação a qualquer momento, além de ressaltar que os dados coletados serão sigilosos, apenas utilizados para fins de pesquisa que se desdobrarão em publicações científicas.

Para participar da pesquisa clique na opção "Declaro que li o TCLE e aceito participar da pesquisa", se concordar com todos os itens listados nesse termo. Após esse passo você será direcionado para uma página com os questionários do estudo. Agradecemos a sua atenção e participação.

Coloco-me à disposição para maiores informações pelo telefone (16) 98810-2213 ou e-mail manoella@usp.br. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos sobre a pesquisa você também poderá entrar em contato com a Profa. Drª. Lucy Leal Melo-Silva, responsável pela orientação deste projeto pelo e-mail lucileal@ffclrp.usp.br. Em caso de denúncias ou reclamações relativas às questões éticas procure o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP/USP
Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 - Sala 7 - Prédio da Administração FFCLRP/USP
14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Fone: (16) 3315-4811/ Atendimento de 2ª a 6ª das 13h30 às 17h30
E-mail: coetp@ffclrp.usp.br / homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>

1. Para participar da pesquisa, selecione a opção abaixo: *

Marque todas que se aplicam.

☐ Declaro que li o TCLE e aceito participar da pesquisa

APÊNDICE C

Termo de autorização para inclusão em banco de dados

Prezado participante,

considerando seu consentimento em participar do projeto de pesquisa "Identidade atlética e acadêmica de universitários envolvidos com o esporte", solicitamos agora sua autorização para que todas as informações coletadas na pesquisa possam ser armazenadas em um banco de dados digital, por tempo indeterminado. Isto permite que os dados sejam analisados mais facilmente pelos pesquisadores e que novas pesquisas sejam feitas com os dados deste banco, ajudando a gerar novos conhecimentos na área de Psicologia do Esporte e Psicologia da Carreira. Asseguramos que todas as informações prestadas e armazenadas são estritamente confidenciais, qualquer pesquisa e publicação envolvendo estes dados não incluirão nomes ou informações que possam identificá-lo, garantindo seu anonimato em todo o processo da pesquisa.

Caso deseje autorizar este processo, basta assinar este termo. Caso não deseje autorizar o armazenamento dos dados neste banco digital, sua participação ainda é bem-vinda, uma vez assinado o TCLE, apresentado anteriormente. Além disso, seu consentimento pode ser retirado em qualquer momento da pesquisa, não havendo nenhum prejuízo para você. Em caso de denúncias ou reclamações relativas a questões éticas procure o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, localizado no endereço a seguir.

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP/USP
Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 - Sala 7 – Prédio da Administração FFCLRP/USP
14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Fone: (16) 3315-4811/ Atendimento de 2ª a 6ª das 13h30 às 17h30
E-mail: coeto@ffclrp.usp.br / homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>

Colocamo-nos à disposição para maiores informações pelo telefone (16) 98810-2213 ou pelo e-mail: manoella@usp.br. Em caso de dúvidas e outros esclarecimentos sobre a pesquisa você também poderá entrar em contato com a Profª. Drª. Lucy Leal Melo-Silva, responsável pela orientação deste projeto pelo e-mail: lucileal@ffclrp.usp.br.

2. Para aceitar esse termo, selecione a opção abaixo:

Marque todas que se aplicam.

☐ Declaro que fui informado(a) dos objetivos e procedimentos do trabalho e autorizo o armazenamento dos dados em um banco de dados digital

3. *

Como anteriormente se disse, as informações armazenadas no Banco de Dados poderão ser utilizadas em pesquisas futuras. Nesse sentido, será garantido aos participantes o acesso aos resultados das pesquisas obtidos com os seus dados. Para tal, o participante só terá de contatar a responsável institucional pelo Banco de Dados, Prof. Dra. Lucy Leal Melo-Silva, por correio postal ou por e-mail, através dos endereços indicados acima. Poderá também ser sempre avisado da utilização dos seus dados em pesquisas futuras. Para tal, tem apenas que indicar abaixo a opção de aviso de utilização dos seus dados constantes do Banco de Dados (opção A): *Marcar apenas uma oval.*

☐ Opção A - Quero ser avisado todas as vezes que meus dados forem utilizados em futuras pesquisas. Para tal, insira seu e-mail na sessão seguinte. *Ir para a pergunta 4.*

☐ Opção B - Não quero ser avisado quando meus dados forem utilizados em futuras pesquisas. *Ir para a pergunta 5.*

4. Insira seu e-mail para ser informado da utilização dos seus dados em pesquisas futuras: *

ANEXO A

Academic and Athletic Identity

Directions: Imagine that the figure below is a diagram of you and characteristics that are central to your sense of who you are as a person.

Please think about this figure as you rate the items below. Most people will use a

variety of answers, rating some qualities as very central and others as not central to their sense of self. To get a good idea of how you will **compare and rate** the different qualities, please read all of the items before you go back to rate each of them.

Please indicate how central to your sense of **who you really are** is each of the following characteristics. **If a quality seems good or desirable to you but is not an important part of who you are, you should answer “Not at all central to who I really am” (1).** Circle the response that best represents your opinion about each characteristics being central to who you are.

<i>How central to your sense of who you really are is each of these characteristics:</i>	<i>Not central</i>	<i>Slightly central</i>	<i>Somewhat central</i>	<i>Central</i>	<i>Very central</i>	<i>Extremely central</i>	<i>The central core</i>
	<i>...to who I really am</i>						
Being a capable student.	1	2	3	4	5	6	7
Being satisfied with my academic work.	1	2	3	4	5	6	7
Doing well in school.	1	2	3	4	5	6	7
Getting good grades.	1	2	3	4	5	6	7
Having high GPA.	1	2	3	4	5	6	7
Being a capable athlete.	1	2	3	4	5	6	7
Being a good athlete.	1	2	3	4	5	6	7
Being athletic.	1	2	3	4	5	6	7
Being proud to be an athlete.	1	2	3	4	5	6	7
Being satisfied with my athletic achievements.	1	2	3	4	5	6	7
Doing well during sport competitions.	1	2	3	4	5	6	7

Notes

The score for academic identity is computed by averaging items 1-5.

The score for athletic identity is computed by averaging items 6-11.

ANEXO B

PERMISSÃO PARA O USO DA AAIS

Manoella Fiochi-Marques <manoellafiochimarques@gmail.com>

Permission - AAIS - Brazil

Mariya Yukhymenko <mariyay@mail.fresnostate.edu>
 Para: Manoella Fiochi-Marques <manoellafiochimarques@gmail.com>

25 de outubro de 2017 19:47

Hi Manoella,

Thank you for your email and for your interest in the AAIS scale and my work. Please see the scale with items and instructions attached. You have my permission to use it for academic purposes.

There are currently no other published studies, which used the AAIS scale. There is one more article currently in review, which used the AAIS in relations to academic outcomes and which I would be willing to share once it is accepted for publication.

I would be interested in learning more about your work and the results from the AAIS scale.

Sincerely,
 Masha

 Mariya Yukhymenko, Ph.D.
 Assistant Professor of Research and Statistics
 California State University Fresno
 Kremen School of Education and Human Development
 Department of Curriculum and Instruction
 Fresno, CA 93740

Tel. (559) 278-3928

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Academic and Athletic Identity Scale_revised response scale Spring 2016.docx
 151K

ANEXO C
Escala de Identidade Profissional (EIP-Br)

A seguir são apresentadas seis afirmações que se referem à Identidade Profissional. Leia os itens e responda marcando o número que melhor representa o quanto você se identifica com a profissão para a qual você está se formando, de acordo com a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Não muito	Um pouco	Às Vezes	Muito	Sempre

		1	2	3	4	5
1	Eu me sinto como se já fosse um membro dessa profissão					
2	Às vezes me sinto inseguro(a) ao dizer que estudo para essa profissão					
3	Eu me vejo criando desculpas por estudar para essa profissão					
4	Eu sinto orgulho em saber que farei parte dessa profissão					
5	Eu me identifico positivamente com os membros dessa profissão					
6	Ser um membro dessa profissão é importante para mim					

ANEXO D**Escala de Flourishing (EF)**

Abaixo encontram-se 8 afirmações com as quais pode concordar ou discordar. Usando a escala indicada, indique o seu grau de acordo com cada afirmação.

		1	2	3	4	5
1	Sigo um sentido e um propósito na vida.	☐	☐	☐	☐	☐
2	As minhas relações sociais são de apoio e são compensadoras.	☐	☐	☐	☐	☐
3	Me sinto envolvido e interessado nas minhas atividades do dia-a-dia.	☐	☐	☐	☐	☐
4	Contribuo de forma ativa para a felicidade e bem-estar dos outros.	☐	☐	☐	☐	☐
5	Sou competente e capaz nas atividades que são importantes para mim.	☐	☐	☐	☐	☐
6	Sou uma pessoa boa e vivo uma vida boa.	☐	☐	☐	☐	☐
7	Estou otimista em relação ao meu futuro.	☐	☐	☐	☐	☐
8	As pessoas me respeitam.	☐	☐	☐	☐	☐

ANEXO E

CARTAS DE APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

Of.CETP/FFCLRP-USP/020-dgfs.

Campus de Ribeirão Preto

Ribeirão Preto, 27 de março de 2018.

Prezado(a) Pesquisador(a),

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado "**Identidade atlética e acadêmica de universitários envolvidos com o esporte**" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 176ª Reunião Ordinária, realizada em 22.03.2018, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE nº 80891817.0.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas. De acordo com a Resolução nº466 de 12/12/2012, devem ser entregues relatórios semestrais e, ao término do estudo, um relatório final sempre via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Marina Rezende Bazon
 Coordenadora

Ao(À) Senhor(a)
Manoella Fiochi Marques
Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP
Fone: (16) 3315-4811 Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 01 da Administração - sala 07
14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: cep@ffclrp.usp.br

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

Campus de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/087-dgfs.

Ribeirão Preto, 22 de julho de 2019.

Prezado(a) Pesquisador(a),

Comunicamos a V. Sa. que a emenda ao projeto de pesquisa intitulado “**Escala de Identidade Acadêmica e Atlética (AAIS-Br): adaptação e evidências de validade para a população universitária brasileira**” (CAAE nº 80891817.0.0000.5407) foi analisada e **APROVADA** *ad referendum* do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP em 28.06.2019. A referida aprovação foi referendada em sua 193ª Reunião Ordinária, realizada em 18.07.2019.

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas. De acordo com a Resolução nº466 de 12/12/2012, devem ser entregues relatórios semestrais e, ao término do estudo, um relatório final sempre via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Patrícia Nicolucci
Coordenadora

Ao(À) Senhor(a)
Manoella Fiochi Marques
Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP-USP.